

LUIZ DE CAMÕES

THEATRO DE L. A. BURRGAIN.



A' VENDA:

Pedro-Sem , QUE JÁ TEVE E AGORA NÃO TEM. Um prologo e cinco actos. . .	Rs.	1\$600
O Governador de Braga . Quatro actos.	Rs.	1\$500
O Mosteiro de Santo Iago . Cinco actos, e em verso.	Rs.	1\$280
Luiz de Camões (5ª edição). Cinco actos.	Rs.	1\$000
O Remendão de Smyrna . Tres actos.	Rs.	640



INEDITAS OU A REIMPRIMIR:

- A Casa Maldita**. Quatro actos.
- A Ultima Assembléa dos Condes Livres**. Cinco actos.
- A Restauração de Pernambuco**. Tres jornadas, e em verso.
- Castro Feliz**. Tres actos.
- O Amor de um Padre**. Quatro actos.

LUIZ DE CAMÕES

DRAMA EM CINCO ACTOS

POR

A-8-280

L. A. Burgain

Membro do Conservatorio Dramatico, e autor dos dramas
PEDRO-SEM, TRES AMORES, AMOR DE UM PADRE, etc.

APPROVADO PELO CONSERVATORIO DRAMATICO BRASILEIRO

E REPRESENTADO EM MUITOS THEATROS

TANTO NO BRASIL COMO EM PORTUGAL

QUINTA EDIÇÃO



RIO DE JANEIRO

EM CASA DE

EDUARDO & HENRIQUE LAEMMERT

Rua da Quitanda, 77.

COMPRA

332172

24M
1415 P

ucbch) 1075528

PARECER

Do Conservatorio Dramatico Brasileiro acerca do Drama LUIZ DE CAMÕES.

Li o drama intitulado *Luiz de Camões*, e muito tenho que agradecer ao seu autor o prazer que me causou.

O nome só de Luiz de Camões encerra um drama, em que nada falta, um drama de alto character: nascimento nobre, saber superior, gloria immensa nas armas, e sem rival nas letras; infortunios excessivos, com uma morte superior a quanto a desgraça pôde imaginar; época cheia de grandes acontecimentos felizes e desgraçados para o paiz que o vio nascer, e mesmo para a Europa e o mundo: tudo se encerra nesse nome. Camões foi contemporaneo da rainha Isabel de Inglaterra, de Francisco I de França, de Carlos V d'Allemanha e Hespanha, de D. João III e D. Sebastião de Portugal. Camões militou n'Africa e n'Asia, no tempo em que os Portuguezes só colhiam triumphos; Camões vio o estabelecimento dos Jesuitas e o da Inquisição em sua patria; Camões, emfim, é o autor dos *Lusiadas*.

O Sr. Burgain foi pois feliz na sua escolha; e, o que mais é, tambem o foi no drama que compôz. Dous sentimentos poderosos, direi mesmo dos mais poderosos (pois que só um se lhes poderá igualar, que é a religião) — amor e patria — dominam o coração do heróe: para obter aquella que ama,

e para servir essa patria a quem tanto quer, Camões emprehende tudo, e tudo consegue.

Mas o amor o trahio, roubando-lhe a sua Catharina; mas a patria foi-lhe ingrata, muito ingrata, deixando acabar na miseria, reduzido a implorar a caridade publica, aquelle que para ella derramára seu sangue em tantos combates, que para ella velára tantas vigalias, para cantar

. o peito illustre lusitano.

A acção pois do drama em si é grandiosa; honra a quem a concebeo. O desenvolvimento é feliz; os caracteres dos personagens são bem desenhados; e o autor não distrahe por um só instante a attenção dos espectadores.

Não posso deixar de apontar com especialidade a 3ª scena do 1º acto, esse pedaço em que o heróe lastíma que os dinheiros publicos sejam consumidos em pomposos festejos e a enriquecer a lisonja, enquanto os bravos Portuguezes, os vencedores do Oriente, os companheiros de Vasco da Gama e de Alvares Cabral, cobertos de cans e cicatrizes, de finham em masmorras, morrem á fome nos hospitaes, ou mendigam o escasso pão da existencia.

A scena 9ª do 2º acto, em que Camões pede perdão a D. Pedro, é tambem escripta com muita força.

A scena 7ª do 4º acto é do melhor effeito; e bem certo estou que se o actor que a desempenhar souber traduzir o pensamento do autor nesse discurso que começa: *Oh! fui amadiçoado no seio de minha mãe!* haverá applausos sem conta.

Ainda farei menção da ultima scena do ultimo acto, que remata de uma maneira digna obra já tão boa. Sómente, eu aqui faria uma pequena mudança.

(Seguem algumas observações, em que o censor basêa a mudança que aconselha ao autor.)

O apreço que faço do drama e de seu autor (que aliás não tenho a honra de conhecer) me levaram a estas reflexões. Com isto não quero dizer que a scena não tenha merecimento, pois o contrario já disse; só me parece que assim seria de melhor effeito.

Dr. ***.

Vista a censura, com a qual me conformo, pôde subir á scena o drama intitulado *Luiz de Camões*. O Conservatorio Dramatico Brasileiro, dirigindo ao autor desta excellente obra os seus louvores e agradecimentos, julga dever communicar-lhe o juizo do Conservatorio, assim para sua satisfação, como para conhecimento do Publico.

Rio de Janeiro, 27 de Dezembro de 1845.

O Presidente do Conservatorio,
Diogo Soares da Silva de Bivar.

Este juizo do Conservatorio Dramatico Brasileiro foi plenamente confirmado pelo Publico, e poucos dramas em lingua portugueza terão sido mais representados, applaudidos e elogiados do que o *Luiz de Camões*. Outros tem apparecido sobre o mesmo assumpto; mas ao *Camões* do Sr. Burgain pertence a dupla gloria de ter sido o primeiro, e de ser hoje o unico representado, tanto no

Brasil como em Portugal. Outra distincção lhe cabe ainda, e é ser frequentemente escolhido nas provincias para representações solemnes, como festas nacionaes, inaugurações de theatros, etc., etc.

Se o drama *Luiz de Camões* foi tão feliz na scena, não o foi menos na leitura, o que se prova com cinco edições (*) formando cinco mil exemplares, resultado unico no Brasil, em obras deste genero.

Os Editores.

- (*) 1ª edição, Typographia do *Jornal do Commercio*.
2ª edição, Typographia da *Viuva Serpa* (Bahia). (Contrafacção).
3ª edição, Typographia do *Despertador*.
4ª e 5ª edição, Typographia Universal.
-

EPISTOLA DEDICATORIA

Dirigida pelo autor á sua cunhada a Sra. D. Maria
Luiza Elvira Desrousseaux.

A ti, querida Elvira, a ti que juntas
Variado saber aos dotes d'alma ;
A ti, cuja alma nobre se namora
De quanto é grande, generoso e digno ;
A ti, que de Camões os divos cantos
Comigo vezes tantas admiraste...
Como penhor de fraternal affecto,
Este drama dedico, em que do Vate
Tentei reproduzir os infortunios ;
Drama d'arte despido, mas escripto
Com minha alma e com pranto humedecido ;
Drama d'arte despido, sim, mas onde
Bosquejado acharás, ao menos, quanto
Um coração sensível mover póde :
— Genio, desgraça, amor, patriotismo.

Quantas e quantas vezes, assombrado
Da temeraria empreza, e do castigo
Receioso, não quiz lançar ás chammas
As esboçadas scenas ! ? — Nesses dias
De triste desanimo, as esperanças
Me vinhas alentar ; da poesia
O fogo amortecido em mim sopravas ;

E, cobrando valor com teus encomios,
A' tarefa tornava denodado.

Emfim ! eil-a vencida : em prazo curto
Verás o meu CAMÕES colher applausos
No palco brasileiro ; ou, mal-nascido,
Do publico favor desamparado,
Em triste esquecimento sepultar-se.

Oh ! porque, não contente desses dias
Serenos que no porto se deslisam,
Hardido me lancei ao procelloso
Oceano, d'escolhos semeado,
Por onde alguns felizes navegantes,
Sôltas ao vento as vélas, protegidos
Por astro amigo, as margens vão buscando
Em que o templo da gloria se alevanta ;
Emquanto nautas mil, os olhos fitos
No magico solar, já deslumbrados
Dos fogos immortaes com que rutila,
D'estrella infausta victimas, succumbem
Da tempestade aos rigidos embates !

E comtudo, de fama um vão desejo
Não foi que me arrojou sobre essas ondas,
Em que sempre o naufragio se me antolha :
Não ; á força cedi que de continuo
Das placidas ribeiras me arrancava.

Quando, infante, no templo de Melpomene,
Da orchestra em meus ouvidos enlevados
As vozes retumbavam sonoras,
Arquejava-me o peito, violento
Pulsava o coração, e convulsivos

Tremores pelos membros me corriam.
Manso e manso minha alma se engolphava
Em extasis profundo ; e mil imagens
Na minha mente vinham debuxar-se
Resplandentes, fantasticas, terriveis.
Mudavel caprichosa fantasia,
Com magico poder, me affigurava
Alcantiladas serras, invios bosques,
Campos ridentes, plagas solitarias.
Memorias d'outras eras revocando,
O ruinoso castello via erguer-se
Com suas altas ameidadas torres,
Seus muros verdejantes, suas pontes
Levadiças, seus fossos circulares.
As salas já penetro ermas e tristes,
Ornadas c'os retratos desbotados
E armaduras dos fortes cavalleiros ;
Vago pelas immensas galerias ;
Desço ao algar, ao carcere medonho,
Em que de tantas victimas infaustas
Os não-sepultos ossos inda dormem.
É tudo solidão, silencio tudo.

Ouvi porém... Do sino da atalaia
Retumba a voz funerea ; e da trombeta
O marcial estridor ao longe sôa !

A morada fantastica deserta
Fantasticas figuras já povoam
De donzellas, de pagens, de guerreiros.
Fortissimos barões as armaduras
De pó escurecidas já revestem.
Ondeiavam pelos ares estandartes,

Plumas, fitas, divisas de mil côres.
Amor, religião, odio, vingança,
Paixões nobres e feras, á porfia
Os animos escaldam, e produzem
Feitos preclaros, espantosos crimes.
Mas soou do combate a fatal hora :
Em redor dos seus chefes os guerreiros,
De ponto em branco armados, vão juntar-se.
Rutila o sol nas armas. O ginete
Féro, acceso, relincha impaciente ;
Morde o freio espumoso, eriça as clinas,
Fere c'os pés a terra, e o campo atrôa.
Lutas mil já se travam deshumanas ;
Já de sangue se tinge o verde campo ;
Ao tinir das espadas, aos gemidos
Do moribundo, os brados vêm unir-se
Do cruel vencedor ; té que ao tumulto
O silencio da morte alfim succeda.

A' noite essas imagens fugitivas
Em fugitivos sonhos meu espirito
Novamente occupavam caprichosas ;
E quando a luz ás trevas succedia,
No papel indulgente procurava
Ancioso fixal-as, esboçando
D'esquipaticos dramas toscas scenas.

Contente assim passava e descuidoso
Da minha primavéra os bellos annos ;
Porém da adversidade o riço sôpro
Rasgou-me as illusões ; foi-me preciso
Esquecer-me das musas, para dar-me

Às fadigas do mar, e finalmente,
Impellido da sorte, saudoso,
Deixar do patrio Sena as brandas margens,
Onde infante brincava, onde mais tarde
Sonhei da juventude os aureos sonhos ;
Onde Maio floresce as ermas campas
Em que dormem o somno derradeiro
Tantos entes queridos e chorados !

Ludibrio da fortuna, largos annos,
Amargo pão traguei na terra estranha,
Inquieto, erradio, suspirando
Por bens desconhecidos, té que achasse,
Longe da patria, esposa, irmã, amigos...
Propicio porto apoz a tempestade.



DISTRIBUIÇÃO.

PERSONAGENS.

ACTORES.

LUIZ DE CAMÕES.	Os Srs. Germano.
CARLOS DE MENDONÇA . . .	Paula Dias.
D. PEDRO D'ATAYDE	José Candido
FERNANDO DE NORONHA . . .	Pedro Joaquim.
RUY DA SILVEIRA.	Pimentel.
D. RODRIGO	Ramos.
ANTONIO, escravo.	Luiz Monteiro.
D. CATH. D'ATAYDE	As Sras. D. Grata Nicolini.
LAURA, criada	D. Clotilde Benedicta.
UM CRIADO.	

APOTHEOSIS.

CAMÕES.	EUROPA.
A LUSITANIA.	ASIA.
POLYMNIA.	AFRICA.
HOMERO.	AMERICA.
VIRGILIO.	CÔRO DAS MUSAS.

Lisbôa. 15... — 1579.

LUIZ DE CAMÕES

ACTO I.

O PRAZO DADO.

Parte mais coberta dos jardins de Belém, á qual vem dar diferentes avenidas. Á direita, no primeiro plano, um bosque. — De vez emquando, musica distante. — É noite.

SCENA I.

FERNANDO, *tomando uma larga respiração.*

Aqui respira-se mais folgado. — Ainda estou aturrido e offuscado. Tantas luzes, tanta bulha! e mais que tudo, tanto servilismo, tanta palavra mentida, tanto sorriso perfido!

Formosa vai a noite. O' meu Luiz! que andas tu fazendo n'aquelle turbilhão, em vez de vir desfrutar com teu amigo os encantos desta soledade?! Infeliz! estás alli preso por vinculos mais fortes que os da amizade, corres atraz de uma felicidade que talvez nunca alcances, apascentas os olhos n'uma belleza que talvez causará a tua ruina! — E eu, eu seu amigo, ao vel-o tão enamorado, não tenho alma para arrancar-lhe a venda. — E comtudo, quantos obstaculos! Na verdade, o nascimento de Camões não é inferior ao de D. Pedro; mas este é rico, é poderoso; Camões só tem sua lyra e sua espada; e longe vai o tempo em que a tudo se avantajava um nome illustre. Por outra parte, D. Pedro nunca esqueceo uma injuria; e aquella dasgraçada satyra...

Pobre amigo! se então conhecesses a D. Catharina!..

Só El-Rei... Mas se já o tratou com tanto rigor! Dous annos de desterro por uma satyra de duas paginas, que nem a elle era dirigida! E demais, os Jesuitas, incansaveis perseguidores de quantos se não curvam ao seu jugo... Alguem para aqui se encaminha... (*firmado a vista*) Sim... é o fidalgote castelhano... ruim poeta, detractor de Camões, e talvez...

SCENA II.

FERNANDO, RUY.

RUY.

Oh! não me engano. Boa noite, Sr. D. Fernando.

FERNANDO, *frio*.

Boa noite, Sr. D. Ruy.

RUY.

Que andais fazendo por cá solitario, enquanto lá tudo é festa e alegria? Como philosopho que sois, estareis meditando na instabilidade das humanas cousas...

FERNANDO, *ironico*.

E vós, como poeta que sois, conversando com as musas; (*em acto de retirar-se*) e não pretendo roubar-vos...

RUY, *detendo-o*.

Não, senhor; estava descansada a minha fantasia; e aliás, são tão raras as occasiões que tenho de praticar comvosco, que nunca as deixarei fugir.

FERNANDO.

Sois muito cortez.

RUY.

Que me dizeis do festejo ?

FERNANDO.

Está admiravel, (*bocejando*) e nunca me diverti como hoje.

RUY.

Com effeito, nunca os paços de Belém viram reunidas tantas beldades; mas ninguem ha que recuse a palma á irmã do Sr. D. Pedro, a D. Catharina de Atayde. Estão todos enlevados na contemplação de tanta formosura; e eis-ahi porque estais agora separado do vosso inseparavel.

FERNANDO, *ironico*.

Talvez tambem tivesses muito gosto em conversar com elle ?...

RUY.

Porque não? Luiz de Camões é um joven a quem muito estimo, tanto pela nobreza do seu nascimento como pelas suas qualidades pessoaes. De mais, como poeta, não se lhe pôde negar certo engenho.

FERNANDO.

Certo engenho! — Fazeis-lhe muita honra, Sr. D. Ruy.

RUY.

Só lhe faço justiça; e se quizesse seguir os conselhos dos entendedores.

FERNANDO.

Os vossos, por exemplo ?

c.

RUY.

Longe de mim semelhante vaidade. Mas o vosso amigo tem a mesma independencia no genio que nos discursos: em vez de seguir os caminhos já trilhados, quer abrir outros novos, por onde se ha-de precipitar.

FERNANDO.

Por onde ha-de chegar a uma gloria toda sua. É proprio da mediocridade o arrastar-se pelas pegadas alheias. O verdadeiro genio vôa com as proprias azas, e deixa muito àquem de si a todos os servis imitadores.

RUY.

Pois não havemos de imitar aos nossos mestres, os Italianos?

FERNANDO.

E escrever em castelhano?

RUY.

Não vou tão longe. Não obstante 'haver nascido em Hespanha, acostumei-me a considerar Portugal como uma segunda patria; interesse-me na sua gloria, e acho assaz natural que seus poetas escrevam na sua lingua. Entretanto, o vosso Sá de Miranda muito escreveu em castelhano, e quasi que não tratou assumptos portuguezes; o grande Ferreira tudo pedio emprestado á Italia e á antiguidade, tudo, excepto a sua *Castro*...

FERNANDO.

Que será o seu maior titulo na posteridade.

RUY.

Póde ser.

FERNANDO.

E porque não fallais em nosso Gil-Vicente, que deo a Portugal a gloria de haver fundado o theatro moderno; Gil-Vicente, que não se despresou de apresentar na nossa scena assumptos e personagens portuguezes; que não imitou os Italianos, mas antes é imitado e traduzido por elles e por vossos compatriotas?

RUY.

Gil-Vicente! o poeta do povo.

FERNANDO.

O poeta de todos.—Ignorais que o Sr. D. Manoel e sua côrte, que tudo quando Portugal teve de mais illustre nas armas, nas sciencias e nas letras, tem applaudido as producções desse grande escriptor a quem chamais do povo? Tem defeitos, não ha duvida, defeitos inseparaveis da infancia de qualquer arte; mas suas bellezas lhe pertencem, e são de todos os tempos.

RUY.

Não lh'as pretendo negar. Comtudo, conceder-me-heis que Sá de Miranda e Ferreira, este imitando os Italianos, e aquelle escrevendo em castelhano, chegaram todavia a tal altura, que nunca os poderá alcançar o vosso amigo.

FERNANDO.

Eu digo que os ha-de exceder, se é que os não excede já; pois quando fizeram as musas lusitanas ouvir sons tão puros, tão maviosos como na lyra de Camões?

RUY.

Sois muito parcial, D. Fernando.

FERNANDO.

Parcial não sou, que assim pensava antes de conhecer pessoalmente a Luiz de Camões. Mas costume já velho na inveja o exaltar os mortos para rebaixar os vivos, porque aquelles já não fazem sombra; e quereis saber qual o maior defeito que os detractores de Camões encontram em suas obras?

RUY.

Folgarei de ouvi-lo.

FERNANDO.

É não serem suas.

RUY.

Não sabeis quanto me apraz o ver-vos assim empenhado em defeza do amigo; e se bem não seja tão entusiasta como vós, far-me-heis a justiça de me não confundir com seus invejosos e detractores. Só lamento que sua propensão para o genero satyrico...

FERNANDO.

D. Ruy! D. Ruy! é melhor não fallarmos nisto, porque faz-me lembrar que meu amigo foi victima da mais infame traição. Aquella satyra que foi causa do seu desterro, que o malquistou com El-Rei, que lhe fez um inimigo irreconciliavel e poderoso; aquella satyra, emfim, que desgraçadamente se tornou tão publica, só fôra communicada a alguns amigos. Entraveis nesse numero, Sr. D. Ruy, que ainda não ereis secretario de D. Pedro...

RUY, *fingindo-se muito admirado.*

Que quereis dizer?

FERNANDO.

Nada, senhor, nada, senão que foi uma acção tão

cobarde quanto infame ; e que, se minhas suspeitas algum dia se mudassem em certeza, com a lamina desta espada havia de affrontar ao miseravel delator ! Não achais que o merece ?

RUY.

Se o merece ! Pois é cousa de perguntar-se a quem partilha a vossa indignação ? Porém não creio que entre os amigos de Luiz houvesse algum capaz de o atraçoar ; e mais natural é suppôr que o acaso ou a infidelidade de um criado....

FERNANDO

Tendes razão : semelhante procedimento é só proprio de um criado, e bem vil !

RUY.

Dizei-me, não quereis aproveitar o resto do sarão ?

FERNANDO.

Eu continuo o meu passeio.

RUY.

E eu entro em palacio, que a noite vai sendo mui fria. Até logo.

FERNANDO.

Boa noite.

SCENA III.

FERNANDO, depois CAMÕES.

FERNANDO.

Não se perturbou !... E comtudo se não fosse cobarde, se não fosse traidor, por outro modo havia de repellir um ataque tão directo.

CAMÕES.

(Vem a passos precipitados, olhando a uma parte e outra, em ar de quem procura por alguém.)

Fernando !...

FERNANDO.

Que tens ? Que acontece ?

CAMÕES.

Põe a mão sobre o meu peito. Sentes como palpita ? É de amor, de felicidade !

FERNANDO.

Um sorriso da tua divindade ?...

CAMÕES.

Embalde aguardára toda a noite um ensejo favoravel para fallar-lhe, e já ia perdendo a esperança, quando um feliz acaso, ou... quem sabe ?... Todos acabavam de passar para outra sala, onde se achava El-Rei ; todos, menos eu e Catharina, que ficára no vão de uma janella. Corro a ella...

FERNANDO

Imprudente !

CAMÕES.

O que lhe disse, não sei, não me lembra ; só me lembra que pedi-lhe uma entrevista...

FERNANDO.

E consentio ?

CAMÕES.

Estava toda tremula e perturbada. Sentem-se passos. « Fugi ! fugi ! » me disse. E como implorasse uma resposta. « Eu irei », accrescentou ella. E fugi immediatamente, para roubar aos olhos de todos minha emoção e felicidade.

FERNANDO.

E ninguem te vio com ella?!

CAMÕES.

Ninguem.

FERNANDO.

Ha um deos para os amantes.—E o sitio aprazado?

CAMÕES.

Este mesmo, que sendo mais retirado...

FERNANDO.

Mas não receias?...

CAMÕES.

Ha um deos para os amantes, tu o disseste.—A festa chegou a seu auge; D. Pedro está com El-Rei; e ninguem dará pela ausencia de Catharina. Emfim! hei-de fallar-lhe, hei-de revelar-lhe aquillo que meus olhos já tantas vezes lhe disseram, e talvez ouvir de seus labios... O' Fernando! só pensal-o me faz enlouquecer.

FERNANDO.

Pobre amigo! por muito que me custe, não t'o posso dissimular; os obstaculos são grandes...

CAMÕES.

Grandes, sim, mas não insuperaveis; e amado de Catharina, de tudo triumpharei. Trabalharei por me reconciliar com seu irmão; vestirei as armas dos meus antepassados, e eu me cobrirei de tanta gloria....

FERNANDO.

Sim! só a gloria! algum feito estrondoso! — El-Rei sabe recompensar o merito; e, amparado com seu favor, tudo conseguirás.

CAMÕES.

Meu Fernando ! quantos sentimentos deleitosos revolvo neste peito ! Que porvir tão feliz e tão brilhante !— Gloria, amor, amizade, os applausos da patria... Mas que digo ? A patria ! Ah ! seu horizonte se tolda, seu astro declina !

FERNANDO.

Dias de gloria hão-de renascer para ella. O sangue dos Viriatos, dos Castros, dos Albuquerquees ainda nos corre pelas veias.

CAMÕES.

Mas quão degenerado !—O' Portugal ! quão diferente estás do que já foste !! As gerações futuras só pelas ruínas te medirão a passada grandeza.

FERNANDO.

O passado foi brilhante ; confiemos no porvir.

CAMÕES.

O porvir ! —Attende-me, Fernando. A Lusitania, victima ha pouco de horriveis desastres, entrega-se a uma cega tranquillidade, quando desgraças ainda maiores estão-lhe sobranceiras. Lisboa, mal resurgida das ruínas, veste pomposas galas, cobre de flôres o abysmo que ameaçou tragal-a, e illumina seus edificios meio desmoronados. Porém males ha que são mais para temer do que a peste, a fome, os incendios e os terremotos. El-Rei adormece sobre os louros que juntou aos dos seus predecessores; os palacios resplandecem com luzes e resoam com o estrondo dos instrumentos... mas a Inquisição ergue seus cadafalsos nas trevas e forja seus instrumentos de supplicio, enquanto o Jesuitismo apaga em silencio o facho da sciencia, e afia os punhaes

do fanatismo ; e estes dous flagellos, nodos que para sempre deslustraram a gloria de D. João III, hão de submergir Portugal n'um pelago de lagrimas e sangue. (*Apontando para a esquerda.*) Olha ! A nação tem dinheiro para festejos pomposos, para enriquecer a lisonja ; mas, seus defensores, os bravos Portuguezes, os vencedores de Diu, de Anafá, de Mombaça, de Quilôa e de Cananor ; os companheiros de Vasco da Gama e de Alvares Cabral, cobertos de cãs e de cicatrizes, definham em masmorras, morrem á fome nos hospitaes, ou mendigam o escasso pão da existencia ás portas desses vis adultores, para quem sãõ os thesouros, os titulos com que se haviam de remunerar os benemeritos da patria !

FERNANDO.

A posteridade lhes fará justiça.

CAMÕES.

O' guerreiros tão infelizes quão illustres ! que eu não tenha o estro de um Homero ou de um Virgilio para levantar-vos um monumento que, mais duradouro que o bronze e o marmore, podesse triumphar dos seculos, e dizer a todos os povos, a todas as gerações, vossas virtudes e coragem, e a negra ingratição com que fostes retribuidos !!!

FERNANDO, *à parte.*

Que santo enthusiasmo o inspira !

CAMÕES.

Vê, Fernando, vê aquellas estrellas que recamam a abobada celeste. Hão-de empallidecer ; daqui a algumas horas apagar-se-hão de todo.... Assim, assim se esvaecerá a gloria da Lusitania.

FERNANDO.

Oh! Deos ampare a nossa patria!

CAMÕES.

Escuta...

FERNANDO.

Vozes e passos...

CAMÕES.

Mal hajam os importunos! Se por ahi se demorassem... Volta ao sarão. Eu vou ao encontro de Catharina, afim de prevenir qualquer surpresa.

FERNANDO.

Dizes bem.

(Vão-se por caminho differente d'aquelle por onde vêm chegando D. Pedro e Mendonça.)

SCENA IV.

D. PEDRO, MENDONÇA.

D. PEDRO.

É verdade, Sr. Conde, tão occupado andei estes tres dias, que ainda não achei um momento para participar a Catharina a honra que nos fizestes, pedindo-me a sua mão; mas haveis desculpar-me, e amanhã tudo se decidirá.

MENDONÇA.

Ah! D. Pedro! tão grande seria a minha dita, que mal ousou entregar-me á esperanza.

D. PEDRO.

Não tendes razão: o coração de Catharina está livre, e ella muito se lisongeará com a preferencia que lhe dais. Demais, a morte de meu pai constituiu-me cabeça da nossa familia, e bem vêdes...

MENDONÇA.

Mal me conheceis, D. Pedro, se me julgais capaz de valer-me da vossa autoridade. Se esta união não fizesse a sua felicidade, como poderia firmar a minha ?

D. PEDRO.

E qual outra alliança mais conveniente poderia ella ambicionar ? — Um nome illustre, um peito generoso, louros colhidos no campo da batalha.

MENDONÇA.

D. Pedro, não me faço illusão : já transpuz a quadra da mocidade, nenhuma tenho daquellas qualidades exteriores que costumam predispôr o coração de uma donzella ; e minha primeira profissão imprimio no meu character uma gravidade mais capaz de affugentar o amor do que acareal-o. — Vós o sabeis, sendo filho segundo, fui destinado ao estado ecclesiastico ; e ia receber as ordens, quando a morte de meu irmão mais velho veio lançar-me n'uma nova existencia. Unico herdeiro do nome e dos titulos de meu pai, tive de seguir outra carreira, e fiz por não desmerecer da gloria dos meus maiores.

D. PEDRO.

Antes a accrescentastes.

MENDONÇA.

E comtudo, no bulicio das côrtes, no estrepito dos combates, mais de uma vez suspirei pela paz e solidão do claustro. Emfim, eu vi vossa irmã, e antolhou-se-me uma nova existencia ; vi vossa irmã, e logo senti que della pendia todo o meu futuro, toda a minha felicidade nesta vida. Pensando na

differença das idades, forcejei por triumphar dessa paixão nascente....

D. PEDRO.

Caro Conde, fallais na vossa idade, nem que fosseis um septuagenario !

MENDONÇA.

Tenho quarenta annos, D. Pedro ; e vossa irmã...

D. PEDRO.

Tem vinte. Embora : Catharina é mui sisuda para olhar a esta differença.

MENDONÇA.

Fallar-vos-hei com a franqueza que me é propria. A formosura de D. Catharina é para mim o menor dos seus attractivos. Talvez já tivesse visto outras donzellas tão formosas ; mas, os encantos do seu espirito, os dotes ineffaveis da sua alma, eis-ahi o que me cativou, eis-ahi o que nunca achei em outra.

D. PEDRO.

Conde da Castanheira, se vossa felicidade depende desta união, sereis feliz, eu é que vol-o digo. Vinde amanhã à minha casa ; fallareis com Catharina, e vereis quão desnecessaria se torna a minha autoridade.

MENDONÇA.

Quanto, quanto vos agradeço a lisongeira esperanza que me dais !

D. PEDRO.

Senhor Conde, sois um dos melhores homens de Portugal.

MENDONÇA.

Senhór...

D. PEDRO.

Sim, é uma justiça que todos vos fazem ; e, para chegar ao auge da privança, só vos falta serdes mais cortezão.

MENDONÇA.

Não posso contrafazer-me.

D. PEDRO.

Sempre ambicionei vossa amizade ; e agora que vou ter em vós mais que um amigo, um irmão, é chegado o tempo de abrir-me convosco ; e por isso foi que encaminhei os nossos passos para este sitio menos frequentado.

MENDONÇA.

Fallai, senhor.

D. PEDRO, *olhando em torno de si.*

Estamos sós. — Os Jesuitas, não satisfeitos com a influencia que tem no povo, querem dominar a propria fidalguia, e hão-de conseguil-o, hão-de elevar-se sobre as suas ruinas, se um golpe, tão forte quão decisivo, não cortar pela base o seu crescente e já formidavel imperio. Humildes e rasteiros a principio, vêde como foram erguendo a cabeça, como vão estendendo sobre Portugal a sua rede, envolvendo pouco a pouco o povo, o clero, a nobreza, todas as nossas instituições. Por meio dos seus confessores, já se vão apoderando do espirito do monarcha ; hão-de contrapesar a influencia do throno, superal-a talvez ; e quando houverem repar-tido com a Inquisição toda autoridade, que será da fidalguia ?

MENDONÇA.

Que será da nação ?

D. PEDRO.

O povo, a nobreza, o rei, a nação, tudo se ha-de curvar ao mesmo jugo, envolver no mesmo opprobrio. Toda a nobreza interessa na expulsão dos Jesuitas, e ha-de fazer causa commum. O maior obstaculo, havemos enconral-o no povo, ignorante e fanatisado. Se houvessemos de vir ás mãos, sabemos quanto vale a vossa espada; mas, em todo o caso, um nome tão popular e respeitado como o vosso havia de engrossar consideravelmente as nossas fileiras, e talvez segurar-nos a victoria.

MENDONÇA.

Senhor, muito exaggerais os meus merecimentos e influencia, e vou fallar-vos com toda a sinceridade.—Eu adoro a vossa irmã; e comtudo, mais facil me fôra renuncial-a, isto é, renunciar á vida, do que transigir com minha consciencia. Eu abraço a vossa causa, não porque seja movido por algum interesse pessoal, não porque assim espere aplainar o caminho á minha felicidade, mas sim unicamente porque entendo que farei um serviço ao meu rei e á minha patria se contribuir para livral-os de qual-quer jugo estranho.

D. PEDRO.

Iguaes sentimentos me animam, e nunca espere; outra cousa de um character tão nobre como o vosso. Fiquemos nisto, e entremos em palacio. (*Vão-se.*) Fallaremos mais extensamente em tempo e lugar mais opportunos; e communicar-vos-hei certo plano... (*Desapparecem por entre o arvoredo.*)

SCENA V.

CAMÕES, *que chega com precaução.*

Ninguém. Quem seriam aquelles cavalleiros?—
Que m'importa? Já se foram, e estes sitios ficaram
solitarios. (*Applica o ouvido.*) Muito tarde! mas
ha-de vir, ha-de vir... Ella m'o prometteo. A emo-
ção me soçobra, respiro apenas, o coração me não
cabe no peito. E se não viesse? se não podesse evitar
as vistas do seu irmão? Oh! sim ha-de fugir-lhe,
ha-de fugir a todos, que estão todos enlevados nos
prazeres. Sim! daqui a pouco estará comigo, daqui
a pouco estarei a seus pés. O' Amor! tu por quem
já soffri tantos martyrios, dá-me forças para sup-
portar a felicidade! Noite que tantas vezes decantei
em meus versos, estende sobre nós tuas sombras
mais densas! Echos mysteriosos! não reveleis a
ouvidos profanos... Deos! sinto o leve rumor de
suas pisadas... o roçar do seu vestido sobre a relva...
Ninguém!... — O susurro do vento na folhagem.—
Oh! quão tardios se arrastam para um amante os
momentos da espera! Já não posso com tão cruel
incerteza! e eu vou.. (*Ao longe assoma Catharina.*
Vem receiosa, com passo mal seguro.) Oh! desta vez,
não me illudo! Sim! é ella! é ella!

SCENA VI.

CAMÕES, CATHARINA.

CAMÕES, *correndo a Catharina, e ajoelhando.*

Catharina!

CATHARINA.

Silencio! — Levantai-vos!

CAMÕES.

Deixai-me fallar-vos de joelhos.

CATHARINA.

Levantai-vos ; (*em acto de retirar-se.*) quando não...CAMÕES, *levantando-se, e detendo-a.*

Em nome do Céu !

CATHARINA, *com severidade mal fingida.*

A vossa imprudencia, senhor, é que me obriga a um passo tão reprehensivel e arriscado. Seguir-me em toda a parte, sempre os olhos pregados em mim, fallar-me no meio de um sarão ; e agora, se alguém me visse a sós com vósco... Ah ! senhor ! quereis perder-vos, quereis perder-me a mim !

CAMÕES.

Antes soffrer mil mortes do que perturbar por um instante o socego da vossa alma ! Perdoai-me, senhora ; bem vêdes que não estou em mim. Tinha mil cousas que dizer-vos ; e agora que estais comigo, fogem-me as expressões ; tanta ventura parece-me um sonho, e só me atormenta o receio de que se desvaneça.

CATHARINA, *perturbada.*

Senhor... de sobra vos escutei. Se presais a minha fama, se presais o meu repouso, cessai de seguir-me. (*Em acto de retirar-se.*)

CAMÕES, *detendo-a.*

Não ! não me haveis deixar com tanta crueldade ! Exigi de mim o que quizerdes : estou prompto a obedecer. Sim, se o mandais, nunca me tornareis a ver ; eu irei, para longe de vós, para longe da patria, acabar de saudades uma existencia que já

me não pertence. Mas ao menos, antes que de vós me aparte para sempre, deixai-me contemplar uma derradeira vez o vosso rosto angelico ; deixai que aperte a vossa mão nas minhas ; dizei-me que não vos offende o meu amor, e morrerei contente por haver-vos sacrificado a minha vida.

CATHARINA.

Morrer ! vós ! morrer ! Nem que vossa vida vos pertencesse ! — Luiz de Camões ! vossa vida pertence á patria, á patria a quem illustrais com vossa lyra, e a quem haveis de illustrar com vossa espada. Senhor ! entrai em vós. Esquecei-vos de mim, e segui o vosso brilhante destino !

CAMÕES.

Esquecer-vos ! esquecer-vos !

CATHARINA.

Sim ! De que serve alimentar sem esperança sentimentos que vos tornam tão alheio de vós mesmo ? Ignorais quantos obstaculos...?

CAMÕES.

Obstaculos ! Oh ! dizei uma palavra, uma unica palavra, senhora, e vereis como desapparecem ! Obstaculos ! Mas não sabeis de quanto é capaz um amor inspirado por vós ? ! Fallai ! em nome do Céu, fallai, senhora ! Minha gloria, meu futuro, minha existencia, tudo pende dos vossos labios.

CATHARINA, *à parte*.

Quanto me ama !

CAMÕES.

Catharina ! é a vida ou a morte !

CATHARINA.

Luiz de Camões !! segui as pisadas dos vossos
c.

antepassados; tornai o vosso nome ainda mais illustre, unindo ás palmas do talento os louros da victoria. A vossa gloria triumphará do ressentimento de D. Pedro; El-Rei mesmo será por vós; e Catharina... — Dai-me vossa espada. — (*Camões dá-lhe a espada e põe um joelho no chão.*) Luiz de Camões! recebei de mim este ferro. Ide combater por Deos, pela patria... por Catharina!

CAMÕES, *recebendo a espada, e beijando-a.*

Catharina!... Ah! quem disse que a felicidade matava! (*Erguendo-se, e embainhando a espada.*) Senhora! vós me fizestes invencivel! Agora é que posso desafiar a sorte! Adeos! Adeos, senhora! Corro a dispôr-me para a partida; e quando me tornardes a ver, serei digno de vós!

CATHARINA.

Luiz! não vades arriscar loucamente a vossa vida! Lembrai-vos de mim!...

CAMÕES.

Catharina... eu não estarei aqui para vigiar o meu thesouro; e se, na minha ausencia, a autoridade de D. Pedro...

CATHARINA, *em tom solemne, e estendendo a mão.*

Catharina nunca será de outro!

CAMÕES.

Oh! tu és um anjo descido sobre a terra para encher o meu peito de todas as delicias do paraizo! É tua a minha vida; eu só quero viver para adorar-te!

CATHARINA.

Deos nos escuta!

(*Pelo fim da ultima falla de Camões, D. Pedro e Ruy apparecem por entre o arvoredo. Este aponta para os amantes, e retira-se.*)

SCENA VII.

OS MESMOS, D. PEDRO.

D. PEDRO.

Infamia !

CATHARINA, *tapando o rosto com as mãos.*

Ah !

CAMÕES.

D. Pedro !!!

D. PEDRO.

Eu tambem vos ouvi, a ti, vil seductor ; a ti, mulher indigna do teu nome !

CAMÕES, *levando a mão à espada.*

Insultas a Catharina !...

CATHARINA, *a Camões.*Suspende ! (*A D. Pedro, supplicante.*) Senhor !...D. PEDRO, *a Camões.*

Miseravel ! a não ser tão sagrado este lugar...

CAMÕES, *desembainhando.*

Oh ! já é muito ! e apezar...

D. PEDRO, *desembainhando.*

Fui provocado !

CATHARINA, *arremeçando-se entre os dous.*

Primeiro me haveis de trespassar o peito ! Um duello ! nos paços reaes ! Um duello ! e entre quem ! ?— Camões ! eu vos supplico !— D. Pedro ! piedade !

D. PEDRO.

Ouvi-me. Ha pouco, juraveis um amor eterno...
e eu tambem juro, juro á face do Céu, que nunca
sereis unidos!

CAMÕES.

Nunca !!!

CATHARINA.

O' meu Deos !

FIM DO 1º ACTO.

ACTO II.

O RIVAL GENEROSO.

Um sala em casa de D. Pedro. Portas lateraes. Á direita, o aposento de Catharina.—Retratos de familia.

SCENA I.

CATHARINA.

(Está sentada ao pé de uma mesa, com a mão na face. — Parece-lhe sentir passos, e sobresalta-se.)

É elle !... *(Presta o ouvido.)* Ainda não. — Meu Deos! mais vale receber por uma vez o golpe, do que permanecer em tão cruel apprehensão. — « Dizei á minha irmã que me aguarde, que eu tenho que fallar-lhe. » — Que vai elle dizer-me! Lançar-me em rosto o meu comportamento, cobrir-me de exprobrações... E comtudo, por mais que interrogue minha consciencia, nada me argúe, nada.. além de um passo inconsiderado. — Infeliz! podia deixal-o penar, consumir-se de saudades, sem dar-lhe sequer uma palavra de consolação, uma palavra de esperanza?! Ai de mim! querendo atalhar as suas imprudencias, fui commetter outra muito mais funesta, para elle, e para mim.

Sim, para mim, pois aqui o sinto *(pondo a mão sobre o peito)*, minha existencia está para sempre ligada á sua. Ou feliz, ou desgraçada, a nossa sorte será a mesma.—E como havia de resistir? A nobreza do seu character, o prestigio do seu talento, o seu

proprio infortunio, tudo contribuiu para enfeitiçar-me. Como havia de resistir, se já o amava antes de o conhecer ? ! E depois que o vi, qual não foi o meu enleio, qual não foi a minha emoção, quando li pela primeira vez, escriptos da sua propria mão, (*tirando do seio um papel, e desdobrando-o*) estes versos divinos, em que pintou tanto ao vivo o mesmo sentimento que, sem o saber, eu já alimentava no meu seio !

(*Lendo.*)

Amor é um fogo que arde sem se ver ;

É ferida que dóe, e não se sente ;

É um contentamento descontente ;

É dôr que desatina sem doer ;

É um não querer mais que bem querer ;

É solitario andar por entre a gente ;

É um não contentar-se de contente ;

É cuidar que se ganha em se perder ;

É um estar-se preso por vontade ;

É servir a quem vence o vencedor ;

É um ter com quem nos mata lealdade.

Mas como causar pôde o seu favor

Nos mortaes corações conformidade,

Sendo a si tão contrario o mesmo amor ?

(*Sentindo passos.*) Alguem !... (*Esconde o papel no seio.*)

SCENA II.

CATHARINA, RUY.

RUY.

(*Trazendo na mão um rolo de papel atado com fitas.*)

Minha senhora, tenho a honra de saudar-vos.

CATHARINA.

Bons dias, Sr. D. Ruy.

RUY.

Perdoai-me, senhora, se venho perturbar-vos : mandou-me chamar o Sr. Conde; e já que tenho a fortuna de encontrar-vos... permitti que aproveite o ensejo para offerecer-vos, com o beneplacito do vosso nobre irmão, este leve tributo do mais profundo respeito e da mais extremada dedicação. — É uma imitação de Sannazaro.

CATHARINA, *aceitando.*

Muito vos agradeço, Sr. D. Ruy, uma offerta que tanto me lisongeia.

RUY.

Ah! senhora! toda a gloria que pôde merecer-me está no benigno acolhimento que lhe fazeis. O Sr. Conde tambem autorisou-me a publical-a de-baixo dos vossos auspicios; e ousou esperar que da vossa parte não acharei opposição...

CATHARINA.

Nenhuma, senhor.

RUY.

Quanto vos agradeço!—O vosso nome, senhora, estampado em frente da minha obra, é quanto basta para preserval-a do naufragio.

CATHARINA.

Sr. D. Ruy, meu irmão não pôde tardar; e emquanto esperais por elle, vou ler o vosso poema.

RUY.

Ah! senhora! muito me pesa que o trabalho seja tão somenos á recompensa!

CATHARINA, *sorrindo-se tristemente.*

É muita modestia. (*A' parte, e indo-se.*) Vou chorar em liberdade.

SCENA III.

RUY, *pensativo.*

D. Pedro deposita em mim toda a sua confiança : não podendo adivinhar quaes sejam as minhas vistas, tudo me leva em conta de zelo, de reconhecimento. Por outra parte, a irmã não me vê e com mãos olhos, não me tem a menor antipathia ; e se chegasse a perder as esperanças... Quem sabe ? ! — É verdade que o maldito Fernando desconfia que eu fui quem publicou a satyra... mas não passa de suspeitas. E comtudo, se Catharina viesse a partilha-las... Mas como, se elle aqui não pisa ? — Oh ! muito me custou tragar a injuria ! mas era preciso : o melhor meio de o dissuadir era não dar-me por achado ; e, felizmente, fui senhor de mim. Assim, assim, D. Ruy, é que haveis de chegar aos vossos fins !

Sim, é difficil, mas não impraticavel : tem-se visto cousas mais extraordinarias. Aliás, pelega em meu favor uma cousa importantissima, e é eu gozar de toda a liberdade do meu espirito, porque não estou enamorado ; porque na minha união com Catharina, ou antes na minha alliança com D. Pedro, só se me antolha um meio de chegar à fortuna de um salto, em vez de subir, degrão por degrão, a tortuosa e interminavel escada dos Jesuitas.

Nada possuo, mas D. Pedro ainda tem o cofre das graças ; e, para enriquecer-me, bastava-me um cargo lucrativo. A minha nobreza não é lá das mais antigas, e nisto é que consiste a maior difficuldade. Mas tenho nesta mão a reputação de Catharina, e elle

o sabe. O que não sabe, é que tenho na outra a fortuna de D. Pedro. Quando menão queira alliado, ter-me-ha inimigo, e continuarei a subir pela escada de mestre Simão Rodrigues! (*Sentindo passos precipitados.*) Eis-ahi vem o Sr. Conde.

SCENA IV.

D. PEDRO, RUY.

RUY, *inclinando-se profundamente.*

Sr. Conde...

D. PEDRO.

Mandei-vos chamar para vos fallar acerca de um objecto da maior importancia. Ha dous dias que tudo se conspira contra mim. Esta noite, ao voltar de Belém, onde se tratou dos Jesuitas, quiz tornar a ler certo papel... e não me foi possivel encontral-o.

RUY.

E esse papel ?...

D. PEDRO.

Não é nada menos do que um plano de ataque contra os Jesuitas.

RUY.

Os Jesuitas ! Ah ! senhor ! se chegasse a cahir nas mãos desses malditos...

D. PEDRO.

Eu ficava perdido, bem sei.

RUY.

E onde estava elle ?

D. PEDRO.

N'uma papeleira cuja chave nunca me deixa.

RUY.

É pois impossível que vos fosse subtrahido. — E demais, como suppôr...? Quem sabe se por entre aquelles papeis que queimastes ultimamente...?

D. PEDRO.

Já me lembrou, mas não é provavel. O que me falta não estava com os outros; tinha-o guardado em lugar separado; e comtudo... Oh! como sahirei de tão horrivel incerteza?! — Sr. Ruy, talvez não procurasse bem: estou tão agitado! Ide, ide para meu gabinete; revolvi todos os papeis, examinai-os um por um...

RUY.

Promptamente, senhor. Se porém o não encontrar, é porque foi queimado com os outros, e deveis tranquillisar o vosso espirito.

D. PEDRO.

Ide, que não gozarei um só momento de socego enquanto não haja apparecido. — Acerca da desgraçada occurrencia desta noite, é muito inutil recommendar-vos...

RUY.

Senhor! por quem sois, nunca me falleis n'uma cousa que muito desejára poder esquecer. Pôz-me o acaso na dura alternativa de dar um passo que mais que muito repugnava ao meu character, ou trahir os deveres de gratidão, faltar a tudo o que vos devo, deixando que um vil seductor, não satisfeito com seu primeiro ultrage, se valesse da experiencia de uma donzella para calcar aos pés...

D. PEDRO.

Não mais! não mais! Sr. Ruy. — Descançai, que

essa tentativa foi a ultima. Ainda agora estive com El-Rei. Annuio á minha supplica... e comtudo, não me quiz assignar immediatamente a ordem ; disse que m'a havia de mandar... (*com amargura*) e comprehendéis a causa da demora...

RUY.

Comprehendo. El-Rei já não faz a menor cousa sem consultar mestre Simão Rodrigues.

D. PEDRO.

O' raiva !

RUY.

Ha dous annos, bastou uma só palavra vossa para obter o desterro de Camões ; ha dous annos, ereis omnipotente ; acima de vós, só El-Rei ; e hoje, toda essa influencia, toda essa autoridade, a que vos dão incontestaveis direitos o merito, o nascimento, a opulencia ; toda essa autoridade, digo, vai sendo solapada por um miseravel jesuita, que, ainda ha dous dias, vi mendigar aqui a vossa protecção ! (*Sahe.*)

SCENA V.

D. PEDRO.

É verdade, muito verdade ! Mas veremos quem ha-de triumphar ; veremos se a roupeta de Loyola se ha-de avantajár á espada do cavalleiro. Ruy não tem menos odio aos Jesuitas do que eu ; é-me dedicado, e saberei tirar partido do seu zelo.—Mas o Conde deixou de vir hoje, e não ha momento que perder.— Laura ! Laura !

LAURA, *entrando.*

Senhor ?

D. PEDRO.

Ide chamar a D. Catharina. (*Sahe Laura.*)—
 Joven presumido, julgavas que me haviam esque-
 cido as passadas injurias; e quando ainda me não
 dava por desaggravado, vens de novo provocar-me,
 seduzir-me a irmã, encontrar meus designios! Oh!
 bem caro te ha-de custar o louco arrojo, e breve-
 mente avaliarás quanto vale o resentimento de
 D. Pedro. — Eil-a que chega.

SCENA VI.

D. PEDRO, CATHARINA.

CATHARINA.

Senhor...

D. PEDRO.

Tendes razão de abaixar os olhos, depois da scena
 indigna de hontem.

CATHARINA, *com dignidade.*

Não penseis, D. Pedro, que o sentimento que me
 anima me faça corar: é tão puro que o poderia con-
 fessar à face do mundo inteiro; e se o odio vos não
 hallucinasse, conhecerieis que Camões....

D. PEDRO, *alterado.*

Nunca! nunca vos ouça proferir este nome odioso!
 — Catharina, um amor insensato arde em teu peito;
 porém sabe que não ha-de frustrar o meu intento,
 ainda quando houvesse de apagal-o no sangue do teu
 amante!

CATHARINA.

Ah! se tendes em preço a minha vida....

D. PEDRO.

Antes te quizera ver morta do que em braços do teu vil seductor!—E é com aquelle que me ultrajou, que procurou verter sobre mim o ridiculo, que te havia de encontrar a sós, alta noite, no proprio palacio d'El-Rei! Desgraçada! querias, n'um instante, manchar o brasão dos nossos maiores, cobrir de opprobrio o nome dos Ataydes, illustre ha tantos seculos!

CATHARINA.

Senhor! perdoai-me! confesso que fui imprudente, confesso que fui culpada. Devêra antes lançar-me aos vossos pés, e dizer-vos, como agora vos digo (*ajoelha*): D. Pedro! amo a Camões, hei-de amal-o até a morte; e de vós é que depende o meu destino. Senhor! mostrai a generosidade que é propria do vosso nome, que é propria da vossa alma! perdoai uma offensa irreflectida e tão cruelmente expiada por dous annos de desterro! perdoai, senhor, perdoai a Camões; e elle virá banhar vossos pés com as lagrimas do reconhecimento.

D. PEDRO.

Basta! senhora. — Erguei-vos! Nem mais uma palavra! — Algum dia, ficareis curada da vossa louca paixão.

CATHARINA, *erguendo-se.*

Algum dia, D. Pedro, chorareis a vossa crueldade, porém já será tarde.

D. PEDRO.

É tempo de desenganar-vos.—O conde da Castanheira pôz em vós o seu affecto, e pedio-me a vossa mão.

CATHARINA.

Senhor !...

D. PEDRO.

Este consorcio convem-me por motivos que me são particulares, e só servirá de accrescentar o esplendor da nossa casa.

CATHARINA.

Senhor !...

D. PEDRO.

Já dei minha palavra ; haveis desempenhal-a.

CATHARINA.

Nunca !

D. PEDRO.

Nunca ! Nunca, disseste !

CATHARINA.

Sim ! nunca ! — E com que direito pretendeis dobrar-me á vossa vontade ? !

D. PEDRO.

Eu t'ó mostrarei.—E esqueceu-te que nosso pai, estendido sobre o seu leito de morte, depois de lançar-nos a sua ultima benção, confiou de mim o teu destino ; e que de joelhos, banhada em lagrimas, lhe prometteste cingir-te aos meus preceitos ? Dize, já o esqueceste ? !

CATHARINA.

Não ! não o esqueci !—Ainda vejo esse pai extremo orar a Deos por seus filhos, e exhalar o suspiro derradeiro. Mas, se depositou em vós esses direitos, foi para que promovesseis a minha felicidade. Da morada dos justos, onde agora habita, elle sem duvida os revoga ; e se, levantando a pedra do sepulcro, resurgisse á luz do dia, pedir-vos-hia conta da tyrannia que usais com sua filha !

D. PEDRO.

Embora!

CRIADO, *annunciando.*

O Sr. Conde da Castanheira.

D. PEDRO.

Tão cedo!

CATHARINA.

Meu Deos!

D. PEDRO.

É vosso futuro esposo, e como tal o haveis de receber.—Senhora, estive com El-Rei. Camões puxou da espada n'uma residencia real; é um crime, bem o sabeis. A sua sorte está em vossas mãos; em vossas mãos! ouvis?! (*Ao criado, que sahe.*) Fazei entrar o Sr. Conde.

CATHARINA.

Meu Deos! que cruel alternativa!—Senhor!...

D. PEDRO.

Silencio!—Se mostrais a menor repugnancia, Camões está perdido!—Sentai-vos: componde o vosso semblante.

SCENA VII.

OS MESMOS, MENDONÇA.

D. PEDRO.

Bons dias, Sr. Conde. Sêde muito bem apparecido.

MENDONÇA.

Eu vos saudo, senhor.—Senhora, permitti que vos tribute as minhas homenagens.

CATHARINA.

Senhor...

MENDONÇA, a D. Pedro.

Talvez seja inoportuna esta minha visita...

D. PEDRO.

Ao contrario. Muito folgo de ver-vos. (*Offerecendo-lhe um assento.*) Sr. Conde...

MENDONÇA.

Obrigado. (*Assentão-se.*)

Que foi feito de vós a noite passada? Retirastes-vos tão precipitadamente...

D. PEDRO.

Minha irmã sentio-se incommodada.

MENDONÇA, *sollicito.*

Que dizeis?

D. PEDRO.

Sim; já estava mal disposta; e o calor, o cansaço... Vêde, ainda traz as feições alteradas.

MENDONÇA.

É verdade, e já tinha reparado. Senhora, ainda padeceis?...

CATHARINA.

Obrigada, Sr. Conde, pelo interesse que me mostrais. Eu me sinto... (*encontrando um olhar de Pedro*) muito melhor.

MENDONÇA.

Ainda bem !

D. PEDRO.

Não é cousa de cuidado... Uma indisposição passageira. — Dizem que o festejo durou até amanhecer ?

MENDONÇA.

Não vo-lo sei dizer : depois que partistes, tudo entrou a causar-me tédio, e pouco tardei em seguir o vosso exemplo.

D. PEDRO, *sorrindo-se.*

Muito obrigado, Sr. Conde... pela parte que me toca.

CRIAADO, *entrando.*

O Sr. D. Martins d'Almeida, da parte d'El-Rei.

D. PEDRO, *levantando-se.*

D'El-Rei!

CATHARINA, *à parte.*

O que será?!

(Levantam-se Mendonça e Catharina.)

D. PEDRO.

Sr. Conde, permittis...

MENDONÇA.

Ah! senhor!

D. PEDRO,

Minha irmã vos fará companhia. *(A' parte, a Catharina)* D'El-Rei! *(Alto.)* Já sou comvosco. *(Sahe.)*

SCENA VIII.

MENDONÇA, CATHARINA.

MENDONÇA, *à parte.*

Sós!... O ensejo é favoravel.

CATHARINA, *à parte.*

Que vai elle dizer-me?!

MENDONÇA.

Senhora, haveis perdoar a franqueza de um soldado, que não sabe empregar vãos rodeios. Vosso irmão já vos terá patenteado o segredo que até agora meus labios não ousaram descobrir-vos...

CATHARINA.

Sim, Sr. Conde; disse-me que me amaveis, que vos dignaveis de lançar os olhos em mim.

MENDONÇA.

Ah! senhora! vivendo longe da côrte, á sombra das nossas bandeiras, não tenho a linguagem florida dos cortezãos, para expressar-vos o sentimento que me inspirastes. Só vos posso dizer, que aceitando a offerta da minha mão, a offerta deste peito que nunca palpitou por outra, eu vos seria devedor de quanta felicidade me é possível gozar na terra, e que toda a minha vida seria pouca para vo-la retribuir.

CATHARINA, *á parte.*

Ai de mim!

MENDONÇA.

Senhora, não me respondeis. Esta hesitação...

CATHARINA.

Sr. Conde, assaz vos conheço; sois sensível... sois generoso... Pois bem, vou abrir-vos a minha alma, e fallar-vos como fallaria a meu pai, se ainda vivesse.

MENDONÇA, *á parte.*

Já de sobra entendi! (*Alto.*) Fallai, senhora.

CATHARINA.

Este coração que me pedis... já me não pertence.

MENDONÇA.

Amais a outro!

CATHARINA.

É verdade.

MENDONÇA, *á parte.*

Oh! todas as minhas esperanças! (*Alto.*) E esse homem tão afortunado...

CATHARINA.

Luiz de Camões.

MENDONÇA.

Camões! — E não vêdes, senhora, que alimentais um amor sem esperança? que vosso irmão nunca consentirá... ?

CATHARINA.

Assim m'ò declarou.

MENDONÇA.

Pois já o sabia ?!

CATHARINA.

Esta noite, nos jardins do palacio... — Oh ! não me julgueis precipitadamente ! — Pela primeira vez estava a sós com elle. Eis chega D. Pedro, que rompe em ameaças e vituperios. Camões arranca da espada...

MENDONÇA.

Desgraçado !

CATHARINA.

Da espada, n'uma residencia real, comprehendeis ?! — El-Rei já tudo sabe: e vejo-me na cruel alternativa de causar a ruina do infeliz, ou faltar-lhe à fé jurada.

MENDONÇA.

Que escuto !

CATHARINA.

Mas julgo d'elle por mim; e, sejam quaes fôrem as consequencias, não posso acabar um sacrificio que lhe seria mais horrivel do que a propria morte.

MENDONÇA.

D. Pedro! D. Pedro! porque me embalastes com falsas esperanças ?!

CATHARINA.

E agora, senhor, em vossa generosidade é que está meu ultimo refugio.

MENDONÇA.

Que pretendeis, senhora ?

CATHARINA.

Que renunciéis a mim, que de mim vos esqueçais.

MENDONÇA.

Renunciar-vos ! esquecer-vos ! Oh ! porque não pedis a minha vida ?—Mas que ! vós chorais ; e estas lagrimas, eu sou quem as faz correr ; eu, que as quizera remir a preço de meu sangue ! Mas o sacrificio...

CATHARINA.

Ouvi !... É meu irmão !

MENDONÇA.

Occultai a vossa emoção.

SCENA IX.

OS MESMOS, D. PEDRO.

D. PEDRO.

(Traz na mão um papel, que elle dobra e põe na cinta.)

Nada lhe falta.—Haveis desculpar-me, Sr. Conde, que sendo serviço d'ElRei... Mas que é isto ? Donde nasce a tristeza que diviso em vosso semblante ?

MENDONÇA, *com sorriso forçado.*

Estais enganado, que nenhum motivo...

CRIADO, *annunciando.*

Luiz de Camões !

TODOS.

Camões !

D. PEDRO.

Em minha casa !

MENDONÇA, *à parte.*

Imprudente !

CATHARINA, *à parte.*

Gela-se-me o sangue !

D. PEDRO.

Prohibam-lhe... (*Entra Camões.*) Que audacia !

MENDONÇA.

Senhor, peço-vos que o escuteis.

SCENA X.

OS MESMOS, CAMÕES.

CAMÕES.

Sim, Sr. conde d'Atayde, sou Camões ; e é natural que minha presença aqui vos cause admiração. Ha-de cessar porém, logo que me tiverdes ouvido. Senhor, fui o aggressor : por uma leviandade que não procurarei desculpar com os poucos annos, eu vos offendi, e assaz rigorosamente m'o fizestes expiar. No nosso ultimo encontro, as apparencias eram todas contra mim ; não podieis lêr no fundo da minha alma, e foi mui natural a vossa indignação. Venho pois, senhor, pedir-vos o esquecimento do passado ; venho pedir-vos... sim ! que me perdoeis ; porque, torno a dizel-o, fui o aggressor, e nunca houve desdouro em dar a uma injuria a devida reparação.

CATHARINA, a D. Pedro, baixo.

Meu irmão!

CAMÕES.

D. Pedro, vós o sabeis, amo a vossa irmã...

D. PEDRO.

Senhor!...

CAMÕES.

Amo-a quanto é dado amar a um coração humano; e comtudo, eu reconheço agora quanto era insensato em pretender a sua mão. (*Suspensão.*) Nada fiz para merecel-a, e nada possuo; nada, além de um nome illustre e uma vida sem mancha... Isso porém não basta. Dizei-me o que devo praticar para ser digno della: nada que seja compativel com a honra me ha-de custar. Quereis gloria, feitos valerosos? Tomo por divisa—Catharina ou a morte! — e parto para a Africa. Os Mouros não estão de todo subjogados. Arremeço-me no meio das fileiras inimigas, caio trespassado de golpes, ou planto o estandarte de Christo sobre os baluartes do Propheta, e venho pôr aos pés de Catharina os trophéos da victoria!

D. PEDRO, apontando para *Mendonça*.

Senhor, alli tendes o esposo de D. Catharina.

CAMÕES.

Seu esposo !!!

MENDONÇA.

D. Pedro, eu tambem adoro a D. Catharina, e comtudo... Senhora, não serieis feliz comigo; gemerieis em segredo, e o espectaculo dos vossos padecimentos viria funestar a minha vida. Haveria tres desgraçados... é melhor que um só se sacrifique. D. Pedro, eu vos desobriço da vossa palavra.

D. PEDRO.

Sr. Conde!

MENDONÇA, *a Catharina.*

Senhora... eu renuncio a vós... (*á parte*) ao mundo, á vida!

CAMÕES.

E comtudo, senhor, sois o mais digno.

CATHARINA, *apertando a mão a Mendonça.*

Já tenho dous irmãos.

MENDONÇA.

D. Pedro, no meu procedimento vedes qual deve ser o vosso. Este mancebo é digno de vossa irmã. — Um dia talvez, quando a geração presente estiver estendida no sepulcro, e o tempo houver riscado da memoria dos homens os interesses, as paixões, as rivalidades desta côrte tão rica e tão soberba, o nome de Camões, unico salvo do naufragio, ainda soará por este mundo. Quando não houvesse herdado de seu pai um nome illustre, ainda vos diria: Casai as armas com as letras; enxertai no vosso tronco antigo e venerando este ramo que cresce tão viçoso. D. Pedro! lançai no esquecimento uma offensa irreflectida; consenti na união de Camões com vossa irmã; fazei a felicidade de ambos, e em vosso proprio coração achareis a mais nobre recompensa. Sim! sereis felizes; e eu... Eu sou soldado da Lusitania (*levando a mão á espada*), e aqui está a minha esposa. Com ella irei combater por meu Deos, por meu rei, por minha patria; e quando haja de succumbir, pensai algumas vezes em Mendonça.

CAMÕES.

O' generosidade! — D. Pedro!...

CATHARINA.

Meu irmão! não sejas inexoravel!

(Ruy apparece á porta do fundo, e fica olhando com ar satisfeito)

D. PEDRO.

Conde da Castanheira, podeis, se assim vos parece, renunciar a Catharina: não faltam cavalheiros illustres que ambicionem minha alliança. *(A Camões.)* Quanto a vós, senhor, aqui tendes minha resposta. *(Tira da cinta o papel, e o apresenta a Camões.)*

CAMÕES, *passando-o pela vista.*

Preso... conduzido á Torre Velha... D. João III.— Infamia!

CATHARINA.

Grande Deos! *(Cae sobre uma cadeira, e encosta-se á mesa, meio desmaiada.)*

MENDONÇA.

Ah! D. Pedro! nunca houvera esperado de vós semelhante procedimento!

CAMÕES.

És tu o autor deste trama infernal! tu, nobre e Portuguez!... Não! não és nobre nem Portuguez! A patria e teus avós te arrenegam!

D. PEDRO.

Senhor! sois cavalheiro; podereis desaggravar-vos; e quando o não fazeis, eu mesmo irei pedir-vos satisfação por esta nova injuria. Mas, por agora, pertenceis á justiça d'El-Rei. Vossa espada!

CAMÕES.

Minha espada! a ti minha espada! Este ferro que

meu pai moribundo legou-me ainda tinto no sangue inimigo, se sahisse da bainha, só seria para cravar-se em teu peito !

MENDONÇA, *detendo Camões.*

Camões ! El-Rei manda ; é força obedecer. (*A D. Pedro.*) Respondo por elle.

CATHARINA, *tornando em si.*

Camões ! Camões !

(*Quer correr a Camões ; D. Pedro a segura fortemente pelo braço ; e Camões é detido por Mendonça.*)

CAMÕES.

Catharina !... (*Apostrophando os retratos.*) O' varões generosos ! vós que nos campos de Ourique e Guimarães grangeastes tanta gloria ! abaixai as frentes altivas, cobri-vos de dó e de pejo, que o ultimo descendente de tão illustre raça é um vil, um infame, um cobarde !!!

QUADRO.

FIM DO 2.º ACTO.

ACTO III.

A DESPEDIDA.

Sala ao nível de um jardim. Tres portas ao fundo. Á direita, o aposento de D. Pedro; á esquerda, o de Catharina.— Ao descahir da tarde.

SCENA I.

CATHARINA.

Que é feito de Camões? que sorte lhe reservam? Ferros... e exilio talvez... Ah! se eu daqui pudesse sahir, iria lançar-me aos pés de'l-Rei; eu lhe diria: Senhor! vêde que vos illudem; a maldade e a calumnia tramam a ruína de Camões, mas é innocente; outro crime não tem além de amar-me e ser de mim amado. Senhor, tende compaixão de nós, e rogaremos ao Eterno vos conceda dilatados dias de gloria e de prosperidade. O Sr. D. João é justo e piedoso, ouviria a minha supplica, e talvez... Sim! estou resolvida; vou pedir justiça a El-Rei... Mas que digo? Altos muros me cercam, aquella porta fatal... está sempre fechada; e meu irmão, meu cruel irmão, de continuo me vigia. — Desgraçada!

SCENA II.

CATHARINA, D. PEDRO.

CATHARINA.

Que mais me quereis?!

D. PEDRO.

Catharina, não venho fazer-vos arguições já inúteis. Desprezastes meus preceitos, minhas reprehensões. Uma louca paixão riscou do vosso peito todos os brios, todo o sentimento dos vossos deveres; mas a mim cumpria, máo grado vosso, atalhar o mal, soste-ros á borda do abysmo em que ia despeñar-vos o amor que consagrais a meu inimigo, ao desgraçado que me ameaçou e cobrio de vituperios.

CATHARINA

Senhor...

D. PEDRO.

Já vol-o disse, embalde forcejariéis por mudar a minha determinação; todos os vossos rogos iriam quebrar-se n'uma vontade de ferro.

CATHARINA.

O' D. Pedro! D. Pedro! quantos pezares, quantos remorsos amontoais sobre a vossa cabeça!

D. PEDRO.

Ha-de o tempo desvanecer-vos as illusões. Aliás, nenhuma esperança já vos póde restar. El-Rei des-terrou Camões para a Africa.

CATHARINA.

Para a Africa!

D. PEDRO.

E o navio que o leva parte esta mesma noite, ou antes já partio.

CATHARINA.

O' meu Deos!

D. PEDRO

Vêdes pois que não ha nenhum regresso; vêde tambem o que vos cumpre fazer. Seja o futuro

emenda do passado. Volvendo do errado caminho que levais, ainda podeis ser venturosa, alcançar o perdão do vosso irmão, e recobrar-lhe o affecto.

CATHARINA.

D. Pedro, se um de nós carece de perdão, sois vós, que eu não. Quanto ao vosso affecto, o de um irmão sensível e generoso fôra para mim um thesouro; porém já me acostumei a não vêr mais em vós do que um tyranno sequioso das minhas lagrimas, que me sacrifica a seu odio implacavel, à sua insaciavel ambição.

D. PEDRO.

Embora. Já que fizestes com que o conde da Castanheira vos renunciasse, haveis de accitar o primeiro esposo que eu vos apresentar; e nunca tornareis a vêr Camões.

CATHARINA.

D. Pedro! devo tambem dizer-vos que nutris illusorias esperanças. Podeis empregar a violencia, podeis levar-me de rojo ao templo; porém nunca farei outra promessa que não seja de pertencer a Camões, de guardar-lhe a fé jurada, de amal-o até o derradeiro suspiro!

D. PEDRO.

Lembraí-vos que um claustro...

CATHARINA.

Um claustro! Ao menos poderei chorar tranquillã; não serei atormentada com a vossa presença!

D. PEDRO.

Sabes tu, desgraçada, o que é uma reclusão perpetua?! — O consorcio que te espera, as pompas, os prazeres da vida, tudo trocarás por uma estreita

cella, verdadeira imagem da sepultura. Alli, tua mocidade gastar-se-ha na solidão e no esquecimento; alli as saudades, as lagrimas, a desesperação murcharão antes do tempo a tua formosura. Implorarás a teu irmão, mas seu peito ter-se-ha tornado insensível como o marmore do sanctuario, e votos irrevogaveis te encadearão ao pé dos altares !!!

CATHARINA.

Ah! porque não despenhar-me de uma vez no tumulo que lentamente me cavais? Por ventura, não é o tumulo um carcere mais seguro, mais negro, mais silencioso? Completai a vossa obra. O que é que vos detém? Se quereis que me esqueça de Camões, arrancai deste peito a sua imagem adorada.—Ah! D. Pedro! comprazeis-vos em torturar o coração de uma infeliz... (*ironica*) mas encurtar-lhe o supplicio, derramar o seu sangue, oh! isso não!

D. PEDRO.

Fugi! fugi das minhas vistas !!!

CATHARINA.

Ouvi-me, ouvi-me, D. Pedro, pela ultima vez. — Nós outras, fracas mulheres, uma lei barbara quasi que nos constituiu vossas escravas. As mais das vezes, não somos mais do que meros instrumentos do vosso capricho, do vosso orgulho, da vossa ambição; e comtudo, a vossa autoridade tem limites que não podeis ultrapassar. Sim podeis subjugar, atormentar, encarcerar o corpo; mas nossos affectos, nosso coração, nossa alma! — Essa, emquanto jaz o corpo aferrolhado, penetra os muros da prisão, foge pelos espaços, vai reunir-se á outra parte de si mesma; e Deos, só Deos é que tem poder sobre ella! (*Sahe.*)

SCENA III.

D. PEDRO.

Pois bem! veremos quem mais cedo cançará na luta. — Quanto mais é amado esse miseravel, quanto mais resistencia me oppõe Catharina, tanto mais sinto crescer o odio que lhe consagro. — Mas, em breve as ondas o levarão para longe da patria; e se ellas o não tragarem, ao menos, sua gloria, suas esperanças, seu amor, todo o seu porvir irão sepultar-se em longinquo desterro.

(Durante esta ultima falla, vai escurecendo gradualmente).

SCENA IV.

D. PEDRO, RUY.

RUY, *à parte.*

O momento é propicio.

D. PEDRO.

Que tendes, D. Ruy, que vindes tão acanhado e melancolico?

— RUY.

Senhor, eu preciso de toda vossa indulgencia: vou revelar-vos um segredo que ha dous annos occulto no mais profundo da minha alma, e que nunca devêra sahir della; mas elle me suffoca, elle me mata; não o posso guardar por mais tempo, não quero morrer com elle; e a vós, senhor, só a vós, é que o devo revelar.

D. PEDRO, *à parte.*

O que será? (*Alto.*) Eu vos escuto.

RUY.

Não me atrevo...

D. PEDRO.

Será cousa tão terrível? Mas emfim, seja o que fôr, fallai!

RUY.

Senhor... eu... eu amo...

D. PEDRO.

Amáis... ?

RUY.

Vossa irmã.

D. PEDRO, *admiradissimo.*

Minha irmã! amáis minha irmã?! vós! (*Frio.*)
Pois folgo de o saber.

RUY, *à parte, e esperançoso.*

Oh! (*Alto.*) Dous annos lutei com esta desgraçada paixão; dous annos, dous seculos de torturas, e ella triumphou. Quantas vezes não quiz fugir da vossa casa, fugir de Portugal, deixar a vida! mas uma força invencivel me detinha; esperava que a razão finalmente triumphasse... Insensato! que assim mais e mais me afundava no abysmo! Esses combates continuos, esse continuo disfarçar, essas noites sem somno, esse tormento de cada dia, tal é, senhor, a causa dessa profunda melancolia que em mim notastes. — Emfim, já desesperado, já de todo insensato, sem forças para fugir, sem forças para ficar, venho lançar-me aos vossos pés, (*ajoelha*) venho clamar-vos: Senhor! tende com-

paixão de mim! Salvai-me, salvai-me, senhor! Arrancai-me do meu delirio! arrancai-me de mim proprio!

D. PEDRO.

Levantai-vos, Sr. Ruy. — Eu não sou medico : e comtudo, ha symptomas, para assim dizer, tão palpaveis... Dai-me o vosso pulso.

RUY, *erguido*.

Senhor !...

D. PEDRO.

Dai-me o vosso pulso. Pelo que vejo, estais ac-commettido de um terrivel accesso de loucura.

RUY.

Senhor !...

D. PEDRO.

A prova está na extravagancia do vosso discurso. Pois, se não fosseis mais doudo que os mesmos doudos, virieis fallar-me, a mim! de não sei que amor vos inspirou... quem? Minha irmã, D. Catharina de Atayde! A filha de meu pai dar a mão de esposa... a quem? Ao Sr. D. Ruy de... Como é o vosso nome?

RUY, *à parte*

Eu suffoco!

D. PEDRO.

Se eu pudesse suppôr em vós um vislumbre de bom senso, já vos houvera mandado expulsar por meus criados. Mas, torno a dizel-o, estais doudo; e, como os doudos, não tendes consciencia do vosso estado.

RUY.

Sr. Conde, os serviços que vos prestei serão muito

insignificantes; e comtudo, julgava que, ao menos, me dariam direito a ser tratado com mais alguma benevolencia.

D. PEDRO.

E' tal o vosso estado, que só o remedio mais energico... (*Chega-se a elle.*) Ouvi, Sr. Ruy. — Eu odeio a Camões; e a vós, eu vos desprezo. Ouvistes?! E bem vêdes que se tivesse de escolher, a escolha não fôra duvidosa. — Creio que fallastes em vossos serviços? Os vossos serviços! e ousais alardeal-os! Sabei que se me aproveito da delação, desprezo o delator: e serviços da qualidade daquelles que me prestastes, eis-ahi como se pagam! (*Atira-lhe a bolsa.*) — E agora, nem mais um instante em minha casa!

RUY.

Sr. Conde, minha loucura não é tanta, que me riscasse da memoria certa scena no palacio de Belém...

D. PEDRO.

(*Puchando do punhal, e caminhando para elle.*)

Miseravel!

RUY, *impassivel.*

Podeis ferir-me: estou sem armas; estou á vossa mercê. — Mas sabeí que eu tenho patronos ainda mais poderosos do que vós; patronos que vos odeiam, e que muito folgariam se tivessem uma occasião de vos anniquilar!

D. PEDRO, *recuando.*

Oh! um jesuita! um jesuita!!!

RUY, *avançando sobre D. Pedro.*

Aqui me tendes; podeis ferir-me; mas, já vol-o

disse, e agora vol-o juro : tão fidalgo, tão nobre como sois, a minha morte não ficará impune ; e quando me tiverdes assassinado, esta vossa cabeça cahirá debaixo do cutelo do carrasco, como se fosse a cabeça de qualquer plebeo !

D. PEDRO.

Oh ! que este homem me faz enlouquecer !

RUY.

Quem sabe se minha molestia é contagiosa.

D. PEDRO.

Miseravel ! quem és tu ? !

RUY.

Um doudo : vós o dissestes. Mas os doudos tem às vezes intervallos lúcidos. Ouvi-me pois, Sr. Conde, e enfraei as vossas furias. — Impellido de um amor desatinado, vim pedir-vos a mão de D. Catharina; e se m'a concedesseis, o meu sangue, a minha vida, a minha alma, tudo seria pouco para desobrigar-me. Assaz conheço a distancia que nos separa; e com-tudo, lisonjeei-me de que algum sacrificio poderieis fazer por quem viesse tirar-vos de uma hor-rivel inquietação de espirito, entregando-vos certo papel...

D. PEDRO.

Infame ! tu m'ó furtaste !

RUY.

Achei-o.

D. PEDRO.

Tu m'ó furtaste ! e quando fosses o proprio Satanaz... (*Caminha para elle com o punhal erguido, e agarra-o pela gola.*) Esse papel ! esse papel ! ou morres às minhas mãos !

RUY.

Se me matasseis, onde irieis buscá-lo?

D. PEDRO.

Oh! não me has-de escapar! — O papel! já!

RUY.

E se já não estivesse em meu poder?

D. PEDRO.

Então, d'esgraçado de ti!

RUY.

Socegai, e largai-me, que me estais rompendo a gola do meu gibão. — Esse papel, vós me incumbistes de o procurar; procurei-o, e achei-o. Não ha nada mais simples; e assaz me admira a vossa tão gratuita quão odiosa supposição. Eu esperava... porém enganei-me. Esse papel, para que o quero? Aqui o tendes (*Tirando do bolso um papel, e entregando-o a D. Pedro.*)

D. PEDRO.

(*Desdobrando o papel, e correndo-o com a vista.*)

É elle! é elle!

RUY.

Vêde agora se sou jesuita.

D. PEDRO.

E quem me assegura que não sahio das tuas mãos, que o não mostraste a ninguem?!

RUY.

Por quem quereis que vol-o jure?

D. PEDRO.

Tens mãi...

RUY.

Tenho.

D. PEDRO.

Jura-o pela vida de tua mãe, por sua salvação eterna.

RUY.

Eu o juro pela vida, pela salvação eterna de minha mãe.

D. PEDRO *indicando-lhe a saída.*

E agora...

RUY.

O tempo de sellar o meu cavallo.

(*Sahe Ruy. — Anoiteceo de todo. Um criado traz luzes.*)

SCENA V.

D. PEDRO.

Sim, aquelle miseravel é um agente dos Jesuitas, mas felizmente, tão inhabil quanto infame. Por mais firmeza que alardeasse, acobardou-se ao aspecto da morte. O unico documento que podia perder-me, a unica prova, aqui a tenho, e vou anniquilal-a.

SCENA VI.

D. PEDRO, MENDONÇA.

D. PEDRO.

Alguem... O Sr. Conde!

MENDONÇA.

Senhor! alcançastes uma sentença de desterro contra Camões.

D. PEDRO.

É verdade.

MENDONÇA.

Cumpre que essa sentença se revogue, que Camões fique.

D. PEDRO.

Que dizeis, senhor?

MENDONÇA.

Sim, vós o accusastes, e ser-vos-ha facil alcançalhe o perdão.

D. PEDRO.

Camões já está a bordo, e o galeão parte esta noite.

MENDONÇA.

Estais enganado: só parte daqui a vinte e quatro horas, e é quanto basta. Senhor! compadecei-vos do infeliz, compadecei-vos de vossa irmã!

D. PEDRO.

Sr. Conde, peço-vos que fallemos em outra coisa.

MENDONÇA.

D. Pedro, sei que um odio entranhavel vos offusca a razão, e fecha o vosso peito a todo o sentimento de piedade. Camões muito vos aggravou, é verdade; porém essa desgraçada contenda, em que transpoz todos os limites da moderação, vós mesmo a provocastes. Apresentou-se-vos com palavras de paz; estava prestes a reparar uma antiga offensa, offensa que muito attenuava a sua extrema juventude; e vós, em vez de abrir-lhe os braços, tramastes e consumastes sua ruina por meios... por meios de que

um dia dareis contas a Deos, se não aos homens. Mas ainda é tempo de tudo reparar. Um generoso esquecimento, uma reconciliação sincera pôde poupar-vos tardios remorsos, e subir ao auge da felicidade dous entes a quem lançastes n'um abysmo de desgraças!

D. PEDRO.

Sr. Conde, embalde forcejais por mudar uma resolução que as supplicas e as lagrimas de Catharina acharam inabalavel. A sentença que obtive está revestida de todas as formalidades, e Camões partirá.

MENDONÇA.

D. Pedro! vêde que Camões é querido do povo, e que tamanha crueldade attrahirá sobre vós o desprezo e a execração de Portugal inteiro!

D. PEDRO.

Fica por minha conta.

RUY, *de fóra.*

Sr. Conde d'Atayde! a vós, a cópia; e a mim, o original! (*Ouve-se o galopar de um cavallo.*)

D. PEDRO.

A cópia! o original! (*Corre para as luzes, desdobra o papel, e examina com attenção a letra.*)

MENDONÇA.

Que é isto?

D. PEDRO.

Sim... está mui bem imitada... mas não é minha letra! — Infame! — Antonio! um cavallo! um cavallo!

CRIADO, *entrando.*

Senhor! rédeas, silhas, tudo cortado!

D. PEDRO.

Inferno ! — E aliás, já seria tarde ! (*Deixa-se cahir n'uma cadeira.*)

MENDONÇA.

É verdade. — Mas, por Deos, que quer isso tudo dizer ?

D. PEDRO.

Quer dizer que estou perdido ; quer dizer que aquelle malvado me leva comsigo o poder, a fortuna, a liberdade !

MENDONÇA.

Explicai-vos !

D. PEDRO.

Deixai-me ! deixai-me ! — Oh ! que parece um castigo de Deos ! (*Sahe pela direita.*)

SCENA VII.

(*Trovoada mui distante, alguns relampagos ; o vento apaga as luzes. A scena fica só allumiada por um fraco luar.*)

MENDONÇA.

Não ha duvida, foi atraído, e entram nisto os Jesuitas. No estado em que se acha, ameaçado em sua liberdade, ainda quando eu conseguisse dobral-o, já não pôde valer a Camões. Vejamos se obtenho alguns esclarecimentos, e Deos me aconselhe o que poderei tentar para salvar a todos ! (*Sahe pela direita.*)

SCENA VIII.

CATHARINA.

Eu suffoco!... Aqui respirarei um ar mais livre. — Vozes confusas e alteradas chegaram a meus ouvidos... Que me importam essas vozes? que me importa tudo quanto me rodeia?! Toldaram-se os ares, horrivel ha-de ser a noite... ah! menos horrivel ainda do que a minha sorte!... E Camões! Camões!

SCENA IX.

CAMÕES, CATHARINA.

CAMÕES.

Catharina!...

CATHARINA.

Deos!

CAMÕES.

Silencio!... (*Faz sentar Catharina, que está quasi a desmaiar, e ajoelha a seus pes.*) Tu me chamaste; aqui me tens.

CATHARINA.

Oh! parece-me impossivel! Tu aqui! tu comigo!

CAMÕES.

Feliz se este momento fosse o derradeiro da minha vida!

CATHARINA.

E como podeste...?

CAMÕES.

O ouro de Fernando... Além me aguarda.

CATHARINA.

E não sabes que tua vida... ?

CAMÕES.

A minha vida és tu, só tu, ó minha Catharina !

CATHARINA.

Tens razão. A ausencia é a morte. (*Levantando-se.*) Mas essa horrivel sentença?...

CAMÕES.

Sim, sou desterrado, talvez para sempre, que tenho outros perseguidores ainda mais temiveis que D. Pedro — os Jesuitas.

CATHARINA.

Infeliz ! que tudo se conspira contra elle !

CAMÕES.

Sou amado de Catharina ! — Sim, é-me forçoso partir ; mas se houvesse de partir sem ver-te, sem ouvir o doce som da tua voz, sem me dizeres uma ultima vez que tu me amas, só levariam ao exilio o meu cadaver. Lancei-me aos pés do capitão, supliquei-lhe me deixasse sahir em terra, promettendo voltar para a hora da partida. O amor, a desesperação emprestaram á minha voz accentos a que não havia resistir. Fez-me jurar pela honra, e deixei-lhe por fiadora da minha palavra a espada do meu pai !

CATHARINA.

E o navio, quando parte ?

CAMÕES.

Esta noite. Dous tiros de peça devem ser o signal.

CATHARINA.

Esta noite ! O' meu Deos ! — Luiz ! agora que estás aqui, a meu lado, de nada me arreceio. Venha

D. Pedro, mate-nos ambos; morreremos, mas nos braços um do outro; confundir-se-hão nossos derradeiros suspiros, e talvez por piedade lancem nossos corpos na mesma sepultura!

CAMÕES.

Ah! Catharina! estas demonstrações do teu amor tornam minha sorte ainda mais horrivel, nossa separação mais dolorosa.

CATHARINA.

Mas não desanimar! Almas como a tua não soçobram aos golpes do destino. — A Lusitania leva suas armas ao Oriente; parte com ellas! A gloria te acena com a palma; corre a busca-a; e algum dia...

CAMÕES.

Sim! Catharina; hei-de alcançar-te á força de gloria. Animado por tão doce esperança, hei-de contrastar peito a peito com a fortuna, e nenhuma empreza me será difficil. Aliás... Escuta. Abrio-se-me n'alma um pensamento sublime; e, além do amor, outra chamma tambem divina veio escaldar o meu peito, abrasar a minha fantasia. No meu desterro, para descansar dos combates, cantarei os invictos Portuguezes, aquelles navegadores intrepididos, que, deixando os patrios lares, chegaram ás plagas orientaes, *por mares nunca d'antes navegados*; esses heróes que, por tão altos feitos, *se foram da lei da morte libertando*. O amor da patria scintillará em meus versos; e levantarei á Lusitania um padrão immortal, *se a tanto me ajudar engenho e arte!*

CATHARINA.

O' meu amigo! se logo te ameí, foi porque com-

prehendi esse grande coração, essa alma tão nobre, com que te elevas acima dos outros homens; e serei digna de ti. Em tua ausencia arrostarei a tyrannia de meu irmão, e viverei de lagrimas. Mas, ainda seremos felizes. A noite passada, vi-te n'um sonho encantador. Um raio da Divindade transluzia em teu semblante; trajavas á feição dos nossos cavalleiros; n'uma mão trazias um livro, na outra fulgurava uma espada; as palmas da gloria cingiam-te a fronte, e a Lusitania respeitosa curvava-se ante a ti. Eu estava a teu lado, vestida de branco, toucada de flôres; e um jubilo celestial dilatava meu peito.

CAMÕES.

O' Catharina! um amor como o nosso ha-de emfim abrandar o Céu. Onde quer que me arroje a sorte, tu e a gloria sereis o alvo das minhas acções todas; e não descançarei...

CATHARINA, *sentindo passos.*

Escuta!... Alguem! — Ah! foge!

CAMÕES.

Não! Alli... entre aquelles arbustos... (*Occulta-se.*)

CATHARINA.

(*Indo para a esquerda, e prestes a entrar no seu aposento.*)

Eu tremo.

SCENA X.

CAMÕES, ás escutas; CATHARINA, MENDONÇA.

MENDONÇA.

Não ha momento que perder.

CATHARINA, *à parte.*

Mendonça!... Está só... (*Indo-lhe ao encontro, e em meia voz.*) Senhor...

MENDONÇA.

Catharina!

CATHARINA.

Fallai mais baixo. — Estaveis com D. Pedro...

MENDONÇA.

Sim.

CATHARINA.

E deixastel-o... ?

MENDONÇA.

Encerrado em sua camara.

CATHARINA.

Eu respiro.

MENDONÇA.

Esta perturbação... Sinto passos!

CAMÕES, *chegando.*

Mendonça!

MENDONÇA.

Camões! vós! aqui!

CAMÕES.

Por poucos instantes; debaixo de palavra.

CATHARINA, *applicando o ouvido.*

Escutai!...

MENDONÇA.

O ruido do vento. Não tendes que receiar. O tempo urge; nada posso explicar-vos; porém animo! confiança! O galeão não parte esta noite.

CAMÕES.

Que dizeis?!

CATHARINA.

Oh! que esperança!

MENDONÇA.

Nunca pedi nada a El-Rei em paga dos meus serviços. Amanhã, corro a lançar-me a seus pés. Se fôr preciso, irei sollicitar aos mesmos Jesuitas. Rogos, fortuna, valimento, tudo, tudo para alcançar o perdão de Camões e a felicidade de vós ambos!

CATHARINA, *com gratidão.*

O' Mendonça!...

CAMÕES.

Nem com a vida poderei desobrigar-me.

MENDONÇA.

Já que não podeis amar-me como esposo, ambos me amareis como amigo. Camões, volta para bordo. Amanhã terás noticias minhas.

CAMÕES.

Catharina! será possível! tu minha esposa!

CATHARINA.

Sim! o destino cansou de perseguir-nos! Deos se compadece de nós, já que nos envia semelhante auxilio! (*Ajoelhando.*) Graças! graças! Senhor, pela vossa misericordia!

(*Um tiro de peça ao longe. Fica Catharina como ferida do raio.*)

CAMÕES.

Ouvistes?!

MENDONÇA.

Que é isto?!

CAMÕES.

O signal da partida!

CATHARINA.

Não ! não ! foi illusão ! (*Segundo tiro.*) Ah !

CAMÕES.

É a realidade !

MENDONÇA.

Tudo é perdido !

CATHARINA.

Camões ! daqui não partirás ! Quem te ha-de arrancar dos meus braços ? !

CAMÕES.

Um perjurio ! Ah ! nunca ! Eu seria indigno de ti ! meu nome ficaria coberto de opprobrio, e meu pai levantar-se-hia do tumulo para me amaldiçoar

MENDONÇA.

Quebrantar um juramento ! Antes a morte !

CATHARINA.

O' desesperação !

CAMÕES.

Catharina ! é força deixar-te... Não me quebres o animo com tuas lagrimas !

CATHARINA.

Coragem ! tenho bastante. (*Soluçando.*) Olha, já não choro.

CAMÕES.

Catharina ! um abraço... o abraço da despedida... (*Abraçam-se*) É o primeiro !

CATHARINA.

Talvez o ultimo !

CAMÕES, CATHARINA.

Adeos ! Adeos !

MENDONÇA.

Filhos! confiai na Providencia!

CATHARINA, *de joelhos.*

Meu Deos! meu Deos! velai sobre seus dias!

QUADRO.

FIM DO 3º ACTO.

ACTO IV.

O REGRESSO.

Sala n'uma quinta. No fundo, tres portas, pelas quaes se descobre o campo com arvoredo. — Catharina atravessa a scena exteriormente. Está mui fraca e descorada. Anda a passo lento, com os olhos pregados na terra, e engolphada na mais profunda melancolia. — D. Rodrigo, do interior, olha para ella com a maior commiseração.

SCENA I.

D. RODRIGO.

Eil-a, como sempre, passeiando solitaria, tão alheia a tudo quanto a rodeia, como se já pertencesse a outro mundo. — Pobre senhora! não posso olhar para ella sem que me venham lagrimas.

SCENA II.

MENDONÇA, D. RODRIGO.

D. RODRIGO.

Frei Carlos! — Oh! sêde muito bem apparecido.

MENDONÇA.

Meu bom amigo!

D. RODRIGO.

Tanto tempo sem visitar-nos!

MENDONÇA.

Não me foi possível. Sabeis que não sou senhor de mim.

D. RODRIGO, *pesaroso*.

É verdade!

MENDONÇA.

E vossa esposa ?...

D. RODRIGO.

Está alguma cousa incommodada.

MENDONÇA.

Sim?! — E o que tem ella?

D. RODRIGO.

Oh! não é cousa de cuidado; mas, como não se perde por demasiadas precauções, dei-lhe de conselho que não sahisse do seu quarto.

MENDONÇA.

Fizestes bem. — Haveis conduzir-me á sua presença, pois venho despedir-me.

D. RODRIGO.

Despedir-vos! Pois sempre vos resolvestes!

MENDONÇA.

Sim, meu amigo; e já seria tarde para arrependerm-me: o mesmo que eu pedi como uma graça foi-me concedido na fôrma de uma ordem expressa.

D. RODRIGO.

Que me dizeis? — É verdade que os senhores Jesuitas...

MENDONÇA.

Fallai mais baixo. Não gostam de mim, e com alguma razão. Mas não me hei-de arrependerm.— Parto para Sofala; vou reunir-me á expedição de Muniz Barreto, que vai explorar o centro da Africa occidental. Já que não posso ser util á minha patria, já que não está em mim arredal-a do abysmo, ao

menos pugnarei pela causa de nossa Santa Religião, dissipando com as luzes do Evangelho as trevas da idolatria em que jaz essa terra desgraçada.

D. RODRIGO.

Mui louvavel é o vosso intento. Porém não vos parece que ainda é cedo para desesperar da causa da nossa patria?

MENDONÇA.

Ah! prouvéra a Deos que me enganassem as minhas previsões! Mas reflecti no que vimos em Portugal nestes ultimos dez annos, no que actualmente presenciámos, e julgai qual deve ser o resultado. Os Jesuitas, em cujas mãos reside toda a autoridade, estão vendidos ao ouro, ás promessas de Castella, e seu unico fim é o anniquilamento de Portugal. Vêde como ha dez annos caminham para esse fim, sem nunca se desviar da linha que traçaram. O seu primeiro passo foi tomarem a seu cargo a educação d'El-Rei, não obstante a opposição da rainha, para lhe dar a direcção que convinha a seus intentos, para corromper com o veneno da lisonja essa indole sublime que El-Rei recebo da natureza; para nutrir, desenvolver em seu peito generoso esse cégo e desgraçado amor das conquistas, com que nos hão-de acabar o rei e o reino. Mas isso não bastava. De mãos dadas com o cardeal D. Henrique, obrigam a rainha a desistir-se da regencia em favor deste ultimo; e tanto trabalham, que conseguem malquistar com seu neto essa virtuosa princeza, porque se arreceiavam dos saudaveis conselhos que lhe havia dar. Descontentes do cardeal, sim ambicioso, mas

incapaz de trahir os interesses do seu paiz, tramam-lhe a quéda; e a final, poem as rédeas do governo nas mãos de um mancebo inexperto, de um monarcha de quatorze annos, para governar em seu nome, prostrar a Lusitania, esgotar-lhe o sangue das suas veias, e arremessal-a sem vida ás garras impácientes de Castella! — Agora, só falta dar o ultimo golpe. Esse golpe, D. Rodrigo, é a expedição de Africa. Sim! é chegado para Portugal o dia derradeiro. O signal da partida ha-de ser o signal da sua morte. A Africa vai ser o tumulo da Lusitania! Nas areias africanas é que vão sepultar-se a nossa gloria, a nossa liberdade!!!

D. RODRIGO.

Frei Carlos! porque não dizeis a El-Rei o mesmo que me dizeis a mim? Era impossivel que se não deixasse convencer.

MENDONÇA.

E o meio de fallar-lhe? Mas quando a minha voz pudesse chegar a seus ouvidos, um monarcha tão moço, fanatisado pelos Jesuitas, rodeado de Jesuitas... Outros já lhe disseram, em outros termos, o mesmo que de mim ouvistes, e tudo foi baldado.

D. RODRIGO.

O' meu amigo! uma cabeça como a vossa, um braço como o vosso, envoltos no burel de um pobre Baratojano? E não saber, ao menos, o que poderia levar-vos a semelhante determinação?

MENDONÇA.

Já vol-o disse: uma desgraça sem remedio.

D. RODRIGO.

E porque não haveis allivial-a no peito do vosso amigo ?

MENDONÇA.

É um segredo que ha-de morrer comigo. — Se não achei a felicidade, reçoarei ao menos o socego... (*à parte*) o socego dos mortos! (*Alto e hesitando.*) Ouvi que aqui estava soror Catharina...

D. RODRIGO.

Assim é. Quando, ha um mez, professou, já se achava tão debilitada, que a cerimonia não pôde ser publica : seria um espectaculo demasiado lastimoso. Mal acabava de proferir os votos, deu-lhe um longo desmaio.

MENDONÇA.

Sei. Alli estava.

D. RODRIGO.

Sim ? !

MENDONÇA.

E depois?...

D. RODRIGO.

Tal ficou sendo o seu estado, que o medico declarou que só mudando de ares, só á força de distracções, poderia restabelecer-se ; e assentaram em mandal-a para esta quinta, confiada aos cuidados de D. Violante, que, como sabeis, é parenta da madre abbadeça.

MENDONÇA.

E tem experimentado melhoras ?

D. RODRIGO.

Sim, e não : isto é, tem recobrado forças ; porém a melancolia tem-se tornado cada vez mais profunda.

— Emfim, deram-na por boa; e hoje mesmo volta para o convento.

MENDONÇA.

Hoje!

D. RODRIGO.

O Sr. padre capellão mandou dizer que a vinha buscar; que estivesse prompta ao primeiro toque das Ave-Maria.

MENDONÇA.

Hoje sepultada nos muros de um convento; daqui a pouco, deitada sob a lousa de um sepulcro...

D. RODRIGO.

É o que me está parecendo.

MENDONÇA.

Ao menos, dormirá tranquillã.

D. RODRIGO.

Oh! quão desgraçada ha sido a sua sorte! E Camões, o poeta guerreiro, aquelle que, na Africa e Asia, tantas vezes affrontára a morte, acabar miseravelmente n'um naufragio, quando regressava á sua patria, cheio de amor e esperanza!

MENDONÇA.

Ah! morreu duas vezes, porque com elle pereceram os Lusíadas; os Lusíadas! com que havia de immortalisar-se, e salvar do esquecimento a sua ingrata patria!

D. RODRIGO.

Mas, Deos é justo, Frei Carlos; e D. Pedro, o primeiro autor de tantos infortunios, teve o merecido castigo.

MENDONÇA.

É verdade. Trahido por seu secretario, e accusado

pelos Jesuitas, que tiveram arte de envolver em sua causa a causa do monarcha, foi despojado de todos os bens, e lançado fóra de Portugal. Mas de que serve á victima o castigo do culpado? — Meu amigo, antes de partir, eu desejára dirigir áquella infeliz algumas palavras de consolação...

D. RODRIGO.

Não lhe vejo inconveniente. O vosso character...

SCENA III.

OS MESMOS, LAURA.

LAURA.

Meus senhores... permittis... ?

D. RODRIGO.

Chegai-vos, Laura. Vindes despedir-vos da vossa ama?...

LAURA.

Sim, meu senhor. Quizera aproveitar este ultimo dia, esta ultima hora, para beijar-lhe a mão e receber a sua benção.

D. RODRIGO, *olhando para fóra.*

Chegastes a proposito : eil-a que para aqui se encaminha. — (*A Mendonça.*) Meu amigo, vinde despedir-vos de D. Violante; depois podereis fallar com soror Catharina.

MENDONÇA.

Pois vamos.

(*Sahem. — Entra Catharina sem ver Laura.*)

SCENA IV.

CATHARINA, LAURA.

LAURA, *à parte.*

Oh ! quem havia de reconhecê-la ? (*Indo para Catharina.*) Senhora...

CATHARINA, *sobresaltada.*

Ah ! és tu, minha Laura ! — Olha bem para mim... Quem sabe se é pela ultima vez ?...

LAURA.

Que dizeis, minha senhora ? !

CATHARINA.

Julgam-me restabelecida; mas felizmente, e bem o conheço, nunca estive tão perto da morte.

LAURA.

Não, senhora. Deos ha-de restituir o socego à vossa alma, assim como vai restituindo a saude ao vosso corpo.

CATHARINA.

Minha Laura, se me amas, como não duvido, roga a Deos que me leve desta vida.

LAURA.

Se ao menos pudesse ficar em vossa companhia !

CATHARINA.

É impossivel. — Os votos que proferi me desligaram de quanto pertence ao mundo. Morta para as humanas felicidades, devo até suffocar minhas saudades... Deos me dê a força necessarial... Tu choras, minha Laura... Eu tambem quizera chorar... mas já não tenho lagrimas.

LAURA.

E como deixarei de as derramar, se os mesmos indifferentes...

CATHARINA.

Como ?

LAURA.

Sim, aquelle veneravel missionario, que assistio à vossa profissão, e que ainda agora achei aqui, quando proferistes o juramento, emquanto o Sr. Bispo cobria a vossa cabeça com o véo que vos separa do mundo, vi-o vacillar, e seus olhos arrasaram-se de lagrimas.

CATHARINA.

Talvez essa cerimonia lhe despertasse recordações melancolicas. — Minha Laura, recebe de mim este annel.

LAURA.

Ah ! senhora ! dai-me qualquer cousa que tenha sido do vosso uso, um lenço, uma fita ; mas uma joia tão rica ! ...

CATHARINA.

Accita. É quanto me resta da minha passada opulencia. Bem sei que tantos annos de serviços desinteressados, de pura dedicação, não se retribuem com joias ; mas rogo-te que o aceites como um penhor da minha estima, da minha gratidão, do meu affecto. (*Passa-lhe o annel no dedo. — Laura beijá-lhe a mão.*)

E agora, escuta bem a minha ultima vontade. Eu quero, eu exijo que te desfaças da pedra, e só te peço que guardes o annel em memoria da tua desventurada ama.

LAURA.

Ah! nunca me ha-de deixar! (*Ajoelhando*) Senhora, dai-me a vossa benção!

CATHARINA.

(*Depois de estender sobre ella as mãos.*)

Agora, dá-me um abraço.

LAURA.

Quem? eu? vossa criada!

CATHARINA.

Catharina d'Atayde já não vive. Quem te falla é soror Catharina, que brevemente ha-de seguir a outra. Já nenhuma distancia nos separa. — (*Abraçam-se.*) Vai, minha Laura, vai complimentar a D. Violante, aquella santa senhora, a quem sou devedora de tantos cuidados e atenções; e antes de partir, eu te quero abraçar mais uma vez. (*Sahe Laura.*)

SCENA V.

CATHARINA.

Está consumado o sacrificio. Mas que digo? Um sacrificio?! — Depois de esperal-o tanto tempo nas lagrimas, não recebi a noticia de sua morte? Infeliz! definhaste no desterro; e quando julgavas terminados tão longos infortunios, quando vinhas receber o premio do genio, do valor e da constancia, sepultado nas ondas, longe da patria, longe de tua amada... Eis-ahi, seis-ahi o futuro que nos era reservado.

Se ao menos lhe tivesse cerrado os olhos, recolhido o derradeiro suspiro; se pudesse ajoelhar sobre

sua sepultura, humedecel-a com minhas lagrimas, menos horrivel seria a minha sorte ; mas nem esta consolação me é dada ! Andam feitos ludibrio das ondas, ou jazem insepultos em alguma praia deserta, os despojos mortaes daquelle que foi tão amante, tão nobre, tão generoso ; e d'elle só me resta a lembrança do nosso amor e saudades eternas !

Mas são estes os pensamentos que devem occupar-me, depois dos votos que prometti ? Não devem tudo apagar ? Tudo ! Talvez a propria morte o não possa conseguir. — E pensar que poderiamos ser tão felizes ! O' meu irmão ! — Decahido das grandezas e da fortuna, tambem vagas agora por estranhas terras, sem familia, sem patria, sem amigos, e, ainda em cima, condemnado a gemer ao peso dos remorsos !

(Senta-se junto a uma mesa, á qual se encosta, e fica engolphada na tristeza. — Aparecem Mendonça e D. Rodrigo. Este aponta para Catharina, e sahe pelo fundo.)

SCENA VI.

MENDONÇA, CATHARINA.

MENDONÇA.

(A' parte, contemplando Catharina, que não dá por elle.)

Eis-alli o deploravel fructo do odio de D. Pedro ! — O' meu Deos ! porque vos não satisfizestes com uma victima ? Eu teria forças para soffrer a minha propria desgraça, e não tenho valor para supportar a sua ! *(Dá alguns passos para Catharina.)* Irmã...

CATHARINA.

Ah! — Perdoai-me, estava minha alma vagando pelos campos do infinito, e vossa voz sobressaltou-me.

MENDONÇA.

Não me conheceis?

CATHARINA.

Já vos vi uma vez, haverá um mez, naquelle dia... e vós choraveis... como neste momento.

MENDONÇA.

Eu chorava sobre vós.

CATHARINA.

Sobre mim! E o que póde inspirar-vos tanta piedade para comigo?

MENDONÇA.

Os vossos infortunios.

CATHARINA.

Acaso os conheceis?

MENDONÇA.

Sim, minha filha; e não quiz partir sem fazer-vos ouvir algumas palavras de consolação, sem fortalecer vossa alma contra a desgraça com que foi Deos servido experimentar-vos.

CATHARINA.

(Emquanto falla Mendonça, fica preocupada, como quem procura recordar alguma cousa.)

É singular... O som de vossa voz não me é estranho... mas está tão enfraquecida a minha memoria... Sim, essa voz, já a ouvi, em outro tempo... n'um tempo já bem remoto... pois d'elle me separa um seculo de padecimentos.

MENDONÇA.

Minha filha, volvei o pensamento para um mundo melhor, que nada de estavel existe sobre a terra: glorias, amor, saudades, alegrias, tudo passa qual sombra fugitiva. No estado que abraçastes, não encontrareis, é verdade, essa dita ineffavel com que havieis sonhado; mas, ao menos, achareis nelle, longe das tormentas do seculo, abrigada das paixões que revolvem o coração dos homens, uma existencia placida, serena; e, quando fôr chegado o momento derradeiro, adormecereis no somno do justo, para despertar no seio da Divindade.

CATHARINA.

Possa essa hora não tardar!

MENDONÇA.

Lembraí-vos que esta vida...

SCENA VII.

OS MESMOS, um CRIADO; depois CAMÕES; e depois D. RODRIGO.

(*Camões vem vestido de guerreiro. Tem uma cicatriz na testa, e falta do olho direito. Traz na mão um manuscripto enrolado.*)

CRIADO.

Senhora, um cavalleiro chegado da India...

CATHARINA, MENDONÇA.

Da India!

CATHARINA.

Ah! talvez o haja conhecido! talvez venha fallar-me delle!... (*Sahe o criado.*)

(*Entra Camões de viseira descida. Ergue a viseira, e Catharina recua espavorida.*)

MENDONÇA.

Grande Deos!

CAMÕES.

Catharina! não me reconheces?!

CATHARINA.

Camões!!! Camões!!! Ah! (*Deixa-se cahir n'uma cadeira.*)

(*Camões corre a lançar-se aos pés de Catharina. Enquanto elle falla, chega D. Rodrigo, que fica estupefacto. Mendonça corre a elle, falla-lhe em voz baixa, em ar de quem supplica, e apontando para Camões. D. Rodrigo parece consentir no que elle pede Mendonça, e sahe apressadamente pelo fundo.*)

CAMÕES.

Sim! é Camões, que volta pobre de bens, mas rico de esperanças! É Camões, que, cumprindo a palavra, vem depositar a teus pés estes cantos ainda molhados do naufragio! É Camões, que nunca cessou de adorar-te, e que, apoz longa ausencia, acerbos males, amargas saudades, vem pedir-te o desempenho da promessa, enxugar-te as lagrimas, restituir-te á vida, ao mundo, á felicidade. — Catharina! responde-me! torna em ti, volve para mim os olhos! Nada falta á nossa dita!

CATHARINA.

(*Erguendo-se de chofre, e fugindo dos braços de Camões.*)

Ah! nada falta á nossa desventura!

CAMÕES.

Que dizes? Porque me foges?!

CATHARINA.

Vai-te ! fuge de mim ! que estou perdida para ti,
perdida para sempre ! O' desesperação !

CAMÕES.

(*Deixa cahir o manuscripto, e Mendonça o levanta.*)

Perdida para sempre ! Catharina ! tu deliras !

CATHARINA.

Desgraçada ! Dei fé à noticia de tua morte, e laços
indissoluveis...

CAMÕES.

Casada !!!

CATHARINA.

Esposa de Christo !

CAMÕES.

Oh ! fui amaldiçoado no seio de minha mãe ! —
Longos annos aparei os golpes da adversidade ! lon-
gos annos esgotei todos os rigores do destino. A
miseria, a calumnia, os ferros, o naufragio, tudo
soffri corajoso e resignado, porque um unico pensa-
mento me occupava ; porque, do seio das minhas
trevas, via sempre luzir um raio de esperanza ; por-
que um momento, um só momento, havia compen-
sar-me um seculo de torturas ! — Emfim ! é chegado
esse momento ; e quando vejo realisado o sonho de
toda a minha vida, quando me julgo subido ao auge
da felicidade, tudo me fuge, o Céu treveja, e acôrdo
sepultado no mais profundo do abysmo ! Ainda
bem que o golpe foi mortal. Não posso, não quero
sobreviver ! Catharina ! o que acabas de proferir foi
uma sentença de morte, e vou cumpril-a !

(*Quer puchar da espada ; Catharina e Mendonça o
detem.*)

CATHARINA.

Camões !

MENDONÇA.

Suspende ! desgraçado.

CAMÕES.

Deixai-me ! (A Mendonça.) Quem sois vós, que pretendeis deter o meu braço ? !

MENDONÇA.

Quem sou ?! — Ah ! é possível que os annos, os pezares e as austeridades tanto me hajam mudado que não reconheçais em mim... Carlos de Mendonça !

CAMÕES, CATHARINA.

Mendonça !

MENDONÇA.

Sim ! Mendonça ! ainda mais infeliz do que vós, porque não foi amado ; Mendonça ! que embalde forcejou por apagar debaixo de um cilicio o desditoso amor em que se abrasava ; Mendonça ! cujo exemplo deve ensinar-vos a supportar com coragem os maiores infortunios, e a humilhar-vos aos decretos da Providencia !

CAMÕES.

Meu Deos ! onde jámais se encontraram tres corações mais desventurados ? ! !

CATHARINA, *como inspirada.*

Camões ! cumpre que imitemos a sua resignação. Soframos animosos este golpe, que mais tarde haviam dar os annos. Tudo acabou para nós sobre a terra. É preciso dizermo-nos um adeos eterno. Mas que digo ? Eterno ? Oh ! não ! — Um raio da Divindade allumia a minha alma, e a desprende de

tudo quanto pertence ao mundo ; todas as illusões da vida se esvaecem como as sombras da noite aos primeiros clarões da madrugada. Carreguemos nossa cruz até o fim desta via de angustia ; e um dia... dia que vejo proximo, ha-de reunir nossas cinzas na terra e nossas almas no Céu. Alli, o odio, a inveja, a maldade dos homens, não nos poderão attingir... Alli... mas não vês ? não ouves?... aquelle altar, aquelles fachos que se accendem para nós... aquellas harpas celestes, aquelles concertos ineffaveis que celebram o nosso hymeneo ?! — O' meu amante ! ó meu esposo ! mais alguns dias de padecimentos sobre a terra, e depois... (*Toca o sino das Ave-Maria.*)

SCENA VIII.

OS MESMOS, D. RODRIGO.

D. RODRIGO, *chegando precipitado.*

Fugi ! fugi ! O capellão com uma escolta !

CAMÕES, *abraçando-se com Catharina.*

Não ! não ! d'aqui não parto !

CATHARINA.

Em nome do Céu ! em nome de Catharina !

D. RODRIGO.

Elles chegam !

CAMÕES.

Morrer a teus pés !

MENDONÇA.

Insensato !

CATHARINA.

Meu Deos ! dai-me coragem !

D. RODRIGO.

Fugi ! fugi ! senhor.

CAMÕES.

Ah ! nunca ! nunca !

CATHARINA, *desprendendo-se dos braços de Camões.*
 Mas é forçoso. Adeos ! Adeos, Camões ! e para sempre ! (*Foge para a direita, e sahe.*)

CAMÕES, *detido por Mendonça e D. Rodrigo.*

Deixai-me ! hei-de seguil-a !

MENDONÇA.

Desgraçado ! queres perdel-a ? !

CAMÕES, *cahindo de joelhos com os braços estendidos.*
 Catharina ! perdida para mim ! perdida para sempre !... — O' meu Deos ! o que me resta agora nesta vida ? !

MENDONÇA, *erguendo os LUSIADAS.*

A gloria !!!

QUADRO.

FIM DO 4º ACTO.

ACTO V.

SIC TRANSIT GLORIA MUNDI.

Um quarto de paredes nuas, denegridas e em parte arruinadas, o qual recebe a luz por um unica fresta. Á direita, um gabinete, fechado; á esquerda, chaminé com fogo quasi apagado. Uma mesa em cima da qual está um exemplar dos *Lusiadas*, com os preparos para escrever; duas cadeiras velhas. — Antonio está agachado ao pé do fogo.

SCENA I.

ANTONIO.

A modo que ouvi chamar... (*Levanta-se, dirige-se para o gabinete, entre-abre a porta, e torna cerral-a.*) Enganei-me: ainda dorme. (*Chega á fresta.*) Que triste que vai a tarde!... E a noite, não será das mais boas. Quem sabe se encontrarei alma viva? — Está tão frio!... (*olhando em torno de si*) e nada com que alimentar esta fogueira! Quando acordar o meu pobre senhor, nem achará com que aquecer o corpo! — Ah! se ainda estivessemos lá na India! (*Batem.*) Oh! quem será? (*Vai abrir.*)

SCENA II.

MENDONÇA, ANTONIO.

MENDONÇA.

Luiz de Camões...

ANTONIO, *alegre por reconhecer Mendonça.*

Oh! É aqui, meu reverendo.

MENDONÇA, *olhando em torno de si.*

Aqui! — Sim. Tu és o seu fiel Antonio. Não me conheces?

ANTONIO.

Pois não! O Sr. Padre tão amigo do meu senhor!
Oh! qual não ha-de ser o seu contentamento!!!

MENDONÇA.

Onde, onde está elle?

ANTONIO, *apontando para o gabinete.*

Ali, dormindo.

MENDONÇA.

Estará doente?

ANTONIO.

Infelizmente.

MENDONÇA.

Que me dizes?! Mas não é cousa de receio? —
Que tem elle?

ANTONIO.

Eu sei? senhor. Está tão fraco, tão fraco!... Ás vezes, comtudo, parece ter recobrado as forças; animam-se-lhe os olhos; falla; passeia pela casa; e eu digo cá comigo: Graças a Deos! que meu pobre senhor já está bom! Mas ah! aquillo não dura muito, e torna a cahir no mesmo abatimento.

MENDONÇA.

Infeliz! só esta desgraça lhe faltava! — Quem é que trata d'elle?

ANTONIO.

Pois quem havia de ser senão eu?

MENDONÇA.

Tu ?! E nenhum medico... ?

ANTONIO.

Nunca quiz que o chamasse. Diz que a medicina não tem que vêr com sua molestia.

MENDONÇA.

O coração é que padece.

ANTONIO.

Deixai-me vêr sempre...

MENDONÇA.

Não ! não lhe vás interromper o seu somno. Infeliz ! possas tu achar nelle o esquecimento dos teus males ! — Se o pudesse vêr ao menos, sem elle acordar.... (*Vai na ponta dos pés para o gabinete, entre-abre a porta, e olha para dentro.*) Nada vejo... Está tão escuro !... (*Cerra a porta.*)

ANTONIO.

Escuro sim, porém muito agasalhado. Ali não sente frio.

MENDONÇA.

Dorme socegado ; é bom signal. Deos lhe ha-de restituir a saude ; e o gosto de tornar a vêr um amigo, os desvelos de um amigo, hão-de contribuir para o seu restabelecimento.

ANTONIO.

Deos o oiça ! Sr. Padre.

MENDONÇA.

Quanto me tarda vêl-o, abraçal-o ! Depois de tão longa ausencia... Emfim, já que não ha outro remedio, esperarei.

(*Até o fim desta scena Mendonça mostra-se impa-*

ciente: de vez em quando presta o ouvido, e olha para a porta do gabinete.)

ANTONIO.

Queira vossa reverendissima sentar-se.

MENDONÇA.

(Dando com os LUSIADAS, e pegando nelles.)

Os LUSIADAS! — Eterno monumento de gloria e de opprobrio! — Sim! tambem de opprobrio, porque não pôde apregoar a gloria da Lusitania, sem tambem recordar sua ingratição! — *(Senta-se, abre o livro e o folheia.)* E é este o asylo de quem escreveo este poema immortal!... Ah! aqui, está aqui o funesto vaticinio! *(Lendo.)*

Este receberá, placido e brando,
 No seu regaço o Canto que molhado
 Vem do naufragio triste e miserando,
 De procellosos baixos escapado;
 Das fomes, dos perigos grandes, quando
 Será o injusto mando executado
 Naquelle cuja lyra sonora
 Será mais affamada que ditosa.

(Mui commovido.) Não posso continuar, não posso ler uma estancia dos LUSIADAS, sem que o coração se opprima, sem que os olhos se encham de lagrimas, ao pensar no destino do autor. — Meu amigo, fallame do teu senhor. Muito tempo estiveste com elle na India?

ANTONIO.

Sim, senhor. Ali comprou-me, e por grande felicidade minha, que meu outro senhor era bem máo; emquanto este... Ah! senhor! se soubesseis!... Nunca me castigou, nem ralha comigo;



desculpa-me todas as minhas faltas ; conversa com seu Jáo, nem que elle fosse um homem como os outros, e levou sua bondade ao ponto de ensinar-me a ler. Mas eu não faço verso, porque, sabeis, verso, não se come. — Mas que ! nem assim me julgava feliz, porque era desgraçado o meu senhor. Sempre triste, sempre com saudades da sua terra, e chamando por aquella dama...

MENDONÇA.

Catharina!... Ah !

ANTONIO.

Só recobrava algum valor quando trabalhava na sua obra, nesse livro que ahi tendes...

MENDONÇA.

Os LUSIADAS ! o sonho da sua mocidade, a esperança do seu porvir, o trabalho da sua vida inteira !

ANTONIO.

Oh ! quantas e quantas vezes me não vieram lagrimas aos olhos ! qual não era minha admiração, quando, estando o meu senhor com alguns amigos, eu, lá do meu cantinho, lhe ouvia ler algumas folhas do seu livro ! Quanto respeito me não inspiravam aquelles guerreiros que, só por amor de Deos e da patria, iam, por entre tantos trabalhos e perigos, buscar novas terras que submeter á lei de Jesus Christo !!

MENDONÇA, *levantando-se.*

E, no cabo de tão arduas emprezas, vieram encontrar em sua patria a fome, o opprobrio, as perseguições. Mas propicios fados lhes reservavam um nobre galardão, um galardão sublime, que lhes não

podiam dar esses ministros desprezadores do merito, esses luzidos cortezãos, essas almas venaes, cuja memoria já se extinguiu no pó da sepultura; reservavam-lhes um genio portentoso, um Camões, para estampar os seus nomes no livro da Immortalidade!!!

ANTONIO.

Um dia, emfim, — a obra estava acabada — um dia, chamou-me o meu senhor. A alegria brilhava em seu semblante. « Antonio, me disse, ainda me aguardam dias felizes: vou tornar a ver a patria e os objectos queridos que ali deixei. Meu Antonio, accrescentou, tu que me foste tão fiel companheiro no exilio e no infortunio, tambem tens uma patria, e eu sei o que é viver longe da patria. Estás livre; volta aos lugares donde te arrancaram. » Lagrimas de gratidão banhavam minhas faces. Lembrou-me o céo, os bosques, os rios de minha terra, a choupana de meu pai, e suspirei. Porém o amor que tinha a meu senhor triumphou. Partimos. — Assaltado de horrivel tempestade, o nosso navio despedaçou-se n'um penedo. A muito custo ganhámos a praia. Meu senhor nadava com uma só mão, tendo na outra os LUSIADAS e sua espada; mas eu o ajudava.

MENDONÇA.

Que longa serie de infortunios!

ANTONIO.

Dahi por diante, a desgraça não cessou de o perseguir. Essa dama que tanto amava, essa dama por quem tudo supportára resignado, sabeis como lhe foi roubada; e depois... (*Aponta para o Céu.*)

MENDONÇA.

Que dizes?! É morta Catharina?!

ANTONIO.

Pois ignoraveis?...

MENDONÇA.

Morta! morta!—(*Ajoelhando.*) Senhor! vós a tirastes desta vida, para dar ás suas virtudes o merecido premio, para dar-lhe no vosso eterno paraíso o repouso, a felicidade que lhe negastes sobre a terra. Senhor! seja feita a vossa divina vontade! (*Levanta-se.*)

ANTONIO, *à parte.*

Oh! quanto foi amada!—(*Alto.*) Não é tudo, meu padre. Depois que partistes, como se lhe não bastassem tantas desventuras, veio a miseria pôr-lhes o ultimo remate.

MENDONÇA, *olhando em torno de si.*

De sobra o vejo.—Ainda bem que El-Rei concedo-lhe uma pensão, bem diminuta na verdade...

ANTONIO.

E essa mesma, já não a tem.

MENDONÇA.

Como!

ANTONIO.

Depois que El-Rei nosso senhor foi para a Africa, os que ficaram no governo não lh'a quizeram pagar.

MENDONÇA.

Que! aquelle tão fraco soccorro?...

ANTONIO.

Sim, senhor, tiraram-lh'o. Diz o meu senhor que foi obra dos Jesuitas.

MENDONÇA.

Sim! dos Jesuitas! infernaes perseguidores de tudo quanto é grande e generoso! Infames! infames, que, não satisfeitos com a ruina da nossa patria, ainda revolvem o punhal no seio dos seus filhos! — Mas, dize-me, o desgraçado, de que subsiste?

ANTONIO.

Quando estava bom, escrevia alguns papeis...

MENDONÇA.

E agora?!

ANTONIO.

Oh! sempre se arranja alguma cousa. Quando o vejo mais socegado, vou empregar-me n'aquillo que se offerece. Quando não acho, espero que seja noite, e então...

MENDONÇA.

Acaba!

ANTONIO

Vou implorar para elle a compaixão de seus compatriotas; vaguêo pelas ruas de Lisboa, dizendo-lhes: « Portuguezes, esmola para Camões. »

MENDONÇA.

O' Portuguezes! todas as gerações vindouras vos hão de lançar em rosto tamanha ingratidão! — Meu amigo, corro a buscar-lhe alguns soccorros. Annuncia-lhe minha volta, mas com cautela, que uma forte emoção lhe poderia ser funesta. Dize-lhe que é chegado Frei Carlos, que aqui esteve, e que de o a em diante seremos dous a tratar d'elle.

ANTONIO.

Ah! Sr. Padre! deixai-me beijar a vossa mão.

MENDONÇA.

Dá-me a tua.

ANTONIO.

Minha mão?! para que?

MENDONÇA, *pegando-lhe na mão, e apertando-lh'a.*Nunca mão mais nobre foi apertada pela minha!
(*Sahe.*)

SCENA III.

ANTONIO.

Meu Deos! estou pasmado. Que fiz eu para merecer tamanha honra, tamanhos elogios? — Emfim, Deos recompense a alma bemfazeja que vem em nosso auxilio. Outros Portuguezes haverá compadecidos; e se não valem a meu senhor, é porque o não julgam tão desgraçado como é na realidade. (*Abre-se a porta do gabinete, e apparece Camões, pobremente vestido, mui pallido e prostrado.*)

SCENA IV.

CAMÕES, ANTONIO.

ANTONIO, *vendo Camões, e correndo a elle.*

Oh! perdoai-me, senhor. Não senti quando vos levantastes. Encostai-vos no meu braço.

(*Camões lhe agradece com um sorriso, e encostado no seu braço, atravessa a scena, senta-se ao pé da mesa, e toma uma larga respiração.*)

Então, meu senhor, como vos achais?

CAMÕES.

Melhor, meu amigo, melhor.

ANTONIO.

Isso me dizeis sempre, para me consolar; e entretanto...

CAMÕES, *preoccupado.*

Espera... já te fallo... Vou acabar...

(Antonio retira-se para o fundo, Camões fica pensativo, passa a mão pela testa, pega na penna e escreve.)

ANTONIO.

Eil-o a escrever. Meu Deus! a modo que está ainda mais desfeito e abatido do que hontem. Se pudesse prevenil-o da chegada de Frei Carlos... Mas está occupado, não devo interrômpel-o... Nem sei como lhe hei-de dar tão feliz nova. Esperemos.

CAMÕES, *lendo aquillo que acabou de compôr.*

Alma minha gentil, que te partiste
Tão cedo desta vida descontente,
Repousa lá no Céu eternamente,
E viva eu cá na terra sempre triste.

Se lá no assento ethereo, onde subiste,
Memoria desta vida se consente,
Não te esqueças d'aquelle amor ardente
Que já nos olhos meus tão puro viste.

E se vires que póde merecer-te
Alguma cousa a dôr que me ficou
Da mágoa, sem remedio, de perder-te,

Roga a Deos, que teus annos encurtou,
Que tão cedo de cá me leve a ver-te
Quão cedo de meus olhos te levou.

ANTONIO, *à parte.*

Eil-o mettido em suas imaginações. Já se não lembra de mim.

CAMÕES.

O' Catharina! nunca mais te verei sobre a terra dos vivos; ouvi o som de tua voz pela derradeira vez!... Porque tão asinha deixaste esta mansão de dôres a que chamam a vida, este deserto arido onde me arrasto só e sem esperança? Sem esperança! — Ainda a tenho na morte, que bem cedo nos ha de reunir. (*Pondo a mão sobre o peito.*)

Sim, aqui o sinto; Deos apiedou-se de mim. Chegado aos umbraes da eternidade, prestes a transpôr a meta que separa a vida da morte, o sonho da realidade, vejo envolver-se em densa nevoa os fantasmas do passado, e, além da tumba, já me assoma a aurora de uma vida mais ditosa.

É esse passado? que é delle? que é dessa quadra afortunada, desses dias em que, ainda no albor da existencia, vagava pelas saudosas margens do Tejo, enlevado em suaves meditações, ensaiando na lyra hymnos de gratidão e de amor? — Que brilhante carreira se me abria! que risonho porvir se me antolhava! Oh! como havia acordar desses sonhos? — Ao som da tempestade. — Desfeitas as illusões com que me embalava, o que me ficou? A realidade, a desgraça. — Gloria, amor, esperança, mocidade... tudo, tudo fugio-me para sempre! (*Pondo a mão sobre os Lusíadas.*)

Eil-o pois esse poema filho do exilio, fructo de tantas meditações e vigílias; esses cantos traçados em estranhos climas, entre o estridor das armas, o sibilar dos ventos, a furia das ondas; cantos regados de tantas lagrimas!... Os Portuguezes, é verdade,

os acolheram com ardor ; a Fama já levou meu nome ás partes mais remotas do orbe civilisado ; mas que importa ? Catharina já não vive, e Camões acaba na miseria. (*Abre o livro e lê.*)

E ainda, nymphas minhas, não bastava
Que tamanhas misérias me cercassem,
Senão que aquelles que eu cantando andava
Tal premio dos meus versos me tornassem.
Á troca dos descansos que esperava,
Das capellas de louro que me honrassem,
Trabalhos nunca usados me inventaram,
Com que em tão duro estado me deitaram.

Ingrata Lusitania ! é este o premio que me reservavas ! — Por ti largos annos arrotei as perigosas lidas do mar ; por ti barateei o sangue nos campos da batalha ; celebrei teus guerreiros, apregoei tua gloria... E tu, que me deste ? O exilio, ferros e a miseria ! — *Que exemplo a futuros escriptores !* — O^o minha patria ! mui cruel me has sido ! porém és minha mãe, e não te posso amaldiçoar. Em teu solo se estamparam os meus primeiros passos, hei-de achar em teu seio o ultimo descanso. Pois bem ! eu te perdôo ! e as derradeiras centelhas dessa chama que Deos ateára em meu peito, ser-te-hão consagradas. (*Pega na penna.*) Sim ! quero na hora extrema, n'um hymno de despedida... (*Afasta convulsivamente a penna do papel, e a deixa cahir.*)

Não mais, musa, não mais, que a lyra tenho
Destemperada e a voz enrouquecida,
E não do canto !...

O^o genio consolador ! tu tambem me abandonaste... Só me resta morrer. (*Levantando-se com enthusiasmo.*)

Sim! recobre a Lusitania seus dias gloriosos! Volte D. Sebastião com as palmas da victoria! Veja eu no derradeiro momento o estandarte de Christo tremular na patria do Islamismo, e descerei tranquillo ao tumulo dos meus antepassados!

E que faria eu sobre a terra? Catharina me espera n'um mundo melhor; Mendonça, sem duvida, terminou seus dias; Fernando divaga pelas areias africanas... Já me não resta um amigo, um coração se quer, que responda ás palpitações do meu!

ANTONIO.

E esqueceis o vosso pobre Jáó?...

CAMÕES.

Meu Antonio!... tu choras!... Ah! perdoa-me. A desgraça nos torna tão injustos! Oh sim! ainda tenho um amigo!

ANTONIO.

Um pobre escravo, que nada pôde para vos consolar, mas que ha-de viver e morrer convosco.

CAMÕES.

Tu és o meu unico arrimo, a minha unica consolação neste mundo. — O' vergonha! Esses aulicos, esses corações dobrados, que, sorrindo-me por alguns instantes a fortuna, me cumulavam de louvores; esses abjectos cortezãos, que, deslumbrados pelo favor que eu merecia a El-Rei, me protestavam inalteravel amizade, mal me viram a braços com a miseria, elles de mim se arredaram, como se eu fôra um criminoso, um reprobó! E quem me havia valer quando todos me abandonavam? Quem estender ao vate desvalido uma mão compadecida? Quem? Um

escravo! — Sim! um escravo! — Mas a Historia gravará com buril immortal suas virtudes e vossa infamia; ella dirá ás gerações futuras que Camões houvera morrido de fome, no seio de sua patria, a não ser a caridade do seu fiel Antonio! Ah! vem, vem a meus braços! Quero cingir-te a este peito, que sem ti já houvera cessado de palpitar! (*Abráça-o.*)

ANTONIO.

Ah! senhor! uma vida inteira de martyrios em troca de um momento como este!

CAMÕES.

Meu Antonio, aviva-me aquelle lume... Tenho frio.

ANTONIO, *correndo o quarto com os olhos.*

O' meu Deos!...

CAMÕES.

Não acabes!... Comprehendo. — O' Portuguezes! (*Senta-se.*)

ANTONIO.

Meu bom senhor, perdoai-me. Hoje não achei em que me occupasse; porém achei para amanhã; e dentro em pouco...

CAMÕES.

Pobre Antonio!...

ANTONIO.

Além de que, de hoje em diante, nada vos ha-de faltar.

CAMÕES, *sorrindo tristemente.*

Achaste algum thesouro?

ANTONIO.

Achei, sim, senhor; e se me promettesseis não

alegrar-vos demasiado, que vos pôde fazer mal, dar-vos-ia uma noticia mui feliz.

CAMÕES, *duvidoso.*

Feliz ! a mim ?!

ANTONIO.

Sim, a vós.

CAMÕES, *commovido.*

Quem sabe ? talvez... noticias d'Africa !...

ANTONIO.

Não, senhor. Essas virão mais tarde, e como as desejas. — Não tendes um amigo chamado...

CAMÕES.

Mendonça !

ANTONIO.

Esse mesmo.

CAMÕES.

Mendonça ! Acaba !

ANTONIO.

Está para chegar.

CAMÕES.

Mendonça ! — Mas como o sabes ?!...

ANTONIO.

Eu... eu...

CAMÕES.

Ah ! não me queiras enganar ! — É chegado !

ANTONIO.

Pois sim !

CAMÕES.

Já o viste ?!

ANTONIO.

Com estes olhos.

CAMÕES.

Onde ? quando ?

ANTONIO.

Hoje mesmo, aqui mesmo.

CAMÕES.

Esteve aqui ! e não me acordaste !

ANTONIO.

Não o consentio. Foi buscar umas cousas, e disse que não se demorava.

CAMÕES.

Senhor ! eu vos agradeço esta consolação ! — Oh ! quanto tarda ! Quero vê-lo ! quero abraçá-lo ! — Antonio ! já tenho forças ! saiamos a seu encontro !

ANTONIO.

Meu rico senhor ! por quem sois, socegai, moderai a vossa emoção !

CAMÕES.

Oh ! estas lagrimas me alliviam ! São de contentamento, e ha tanto tempo que já as não vertia. Porém escuta !... É elle ! (*Corre á porta, e lança-se nos braços de Mendonça, que acaba de pousar no chão uma cestinha coberta.*)

SCENA V.

OS MESMOS, MENDONÇA.

CAMÕES.

Mendonça ! (*Desmaia.*)

MENDONÇA.

Camões ! meu amigo ! — Oh ! desmaiou.

ANTONIO.

Meu Deos !

MENDONÇA, *fazendo sentar Camões.*

Eis-ahi o que receiava !

ANTONIO.

Meu pobre senhor !

MENDONÇA.

Socega; não é nada. (*Tira do seio um vidrinho, faz-o respirar a Camões, e diz á part*) Oh! está perdido! traz a morte esampada no semblante!

ANTONIO.

Vêde! já torna a si !

MENDONÇA.

Bem te dizia... — Meu amigo, então ? que foi ?

CAMÕES.

Nada... nada... Estou tão fraco... e a emoção...

MENDONÇA.

Animo !

CAMÕES.

Eu já não contava com tamanha felicidade. Tanto tempo sem noticias vossas! ..

MENDONÇA.

Não me era possível escrever, lá no meio daquelles sertões... Enfim, estamos reunidos, para nunca mais separar-nos.

CAMÕES, *abanando tristemente a cabeça.*

Nunca! (*Apertando a mão a Mendonça.*) Mendonça... ella... já não vive !

MENDONÇA.

Já não soffre. Havemos fallar della, confundir as nossas preces, misturar as nossas lagrimas.

CAMÕES.

Catharina ! ó Catharina !

MENDONÇA.

Meu amigo, trata de restaurar as tuas forças...
Trouxe comigo algumas cousas...

CAMÕES.

Obrigado... porém mais tarde; agora não posso...
meu coração está cheio...

MENDONÇA.

Coragem ! meu amigo ; coragem ! — A rossa sorte, a sorte de Catharina, terá sido igualmente desgraçada ; mas que são os trabalhos desta vida a preço da eternidade ? Soframos resignados, offereçamos a Deos os nossos padecimentos, elevemos a Deos os nossos corações purificados pelo martyrio ; e nessa mesma resignação acharás o socego que te foge. Já pouco nos falta para chegarmos ao termo da jornada. Arrimados na Fé e na Esperança, venceremos animosos o breve espaço que nos resta ; e um dia, — lembra-te das ultimas palavras que ouvimos a Catharina — um dia, Deos reunnirá na sua gloria aquelles que soffreram sobre a terra !

CAMÕES.

O' Mendonça ! a tua voz parece-me um echo da morada eterna. Ao ouvir-te, vejo dissipar-se as trévas que me encobriam a pura luz da verdade. — O' louco ! louco ! que fundei nesta vida as minhas esperanças ! A vida ! — um degredo. — A felicidade ! — uma chimera. — A gloria ! — Mendonça, vês aquella fumaça ?.. É a gloria ! Eu lutei com coragem emquanto pude, e fiquei vencido. O exilio, as saudades,

a miseria, as perseguições, a ingratição dos Portuguezes, tudo supportei animoso ; mas não posso, não quero sobreviver á ruina da minha patria, e nossa patria está perdida : os Jesuitas juraram sua morte.

MENDONÇA.

Deos é grande.

CAMÕES.

Deos a condemnou. — Meu amigo, pouco tempo me resta sobre a terra... Não te apartes de mim na hora extrema. Quando o corpo jazer sem movimento, quando os labios já estiverem sem voz, e os olhos sem luz, faze soar em meus ouvidos tua palavra consoladora : falla-me do Céu, falla-me de Catharina, e minha alma desprender-se-ha mais facil de sua prisão terrestre.

MENDONÇA.

Escuta... Alguem sobe.

CAMÕES.

Quem será?

SCENA VI.

OS MESMOS, D. PEDRO.

D. PEDRO, *à parte, olhando para Camões, e estremecendo.*

É elle ! (*Alto.*) Desculpai, senhores, a um desventurado, que espera achar comvosco algum allivio a seus padecimentos.

CAMÕES.

Um desgraçado! — Bem vindo seja.

MENDONÇA.

Chegai-vos, irmão. Se vossa alma geme ao peso da desgraça, achareis aqui corações compadecidos. Se tendes fome, comvosco partiremos nosso pão.

D. PEDRO.

Internas aflicções, mais ainda que a miseria e os annos, amarguraram-me a vida, alvejaram-me o cabello, e imprimiram-me no rosto as rugas da velhice.

CAMÕES.

Sois pois muito desgraçado?

D. PEDRO.

Oh! sim! bem desgraçado! e mais culpado ainda.

MENDONÇA.

A misericórdia do Céu é infinita.

CAMÕES.

Desgraçado e culpado, é ser duas vezes desgraçado.

D. PEDRO.

Longos annos divaguei longe de minha patria; só ultimamente me foi concedido voltar a ella; e eis-me agora pobre e desvalido no mesmo lugar em que já me viram opulento e poderoso. Achei o estranho sentado no lar dos meus antepassados; e qual o acolhimento que me haviam de fazer? Todos me desconhecem, todos me repellem, como se tivesse estampada em minha frente a maldição celeste; e, no silencio da noite, uma sombra implacavel, a sombra de meu pai, surge ameaçadora diante de mim, e me clama: — Caim! Caim! onde está tua irmã?!

CAMÕES, *mui perturbado.*

Quem és tu, desgraçado? e que pretendes?

D. PEDRO, *ajoelhando.*

Perdão para o irmão de Catharina!

CAMÕES, MENDONÇA.

D. Pedro!

CAMÕES.

O algoz de Catharina!... Miseravel! foge! foge das minhas vistas! e possa a maldição...

MENDONÇA.

Suspende! Deos disse: — Não amaldiçoarás a teu irmão!

D. PEDRO.

Perdão!

CAMÕES.

Nunca!

D. PEDRO.

Perdão!

CAMÕES.

Vai-te!

MENDONÇA.

Perdôa!

CAMÕES.

Perdoar!

MENDONÇA.

És christão!

CAMÕES.

Porém, Mendonça...

D. PEDRO.

Mendonça! — Ah! bem m'o disseste!

CAMÕES.

Tu foste quem nos precipitou no abysmo. Viste

as lagrimas de Catharina, ouvi-te-lhe as supplicas; rojou-se ella a teus pés, e teu peito não teve piedade!

D. PEDRO.

Catharina! ó remorsos! — Mas ella perdoou!

CAMÕES.

Ella!

D. PEDRO, *tirando do seio uma carta.*

Vês esta carta?

CAMÕES.

De Catharina ?!

D. PEDRO.

Escripta na hora da morte.

CAMÕES, *pegando na carta, e abrindo-a.*

Sim! sim! é sua letra!... Oh! meu Deos! (*Lendo.*)

« Meu irmão. — Eu vou morrer... » (*Dando a carta a Mendonça.*) Não posso... nada vejo...

MENDONÇA, *lendo.*

« Meu irmão. — Eu vou morrer... Ha muito que
 « te perdoci; muito orei a Deos por ti; e, neste mo-
 « mento, só me lembro de que és meu irmão. Se
 « algum dia puderes voltar a Portugal, vai ter com
 « Luiz de Camões. És desgraçado, e elle é generoso.
 « Dize-lhe que te perdôe... por amor de Catharina;
 « (*Camões ergue a D. Pedro*) dize-lhe que foi este
 « o meu ultimo desejo, a minha ultima esperanza, e
 « que morro consolada na fé de que um dia vos
 « haveis de reconciliar. Adeos, amado irmão; adeos,
 « Mendonça; adeos, ó tu a quem tanto amei!...
 « Até um dia. »

CAMÕES, *tomando a carta, e beijando-a.*

O' Catharina! anjo de piedade e de ternura! será

cumprida a tua vontade derradeira.—D. Pedro! ella m'o ordena! não ha que resistir a seu pedido, nem posso resistir ás tuas lagrimas. O odio não pôde morar no mesmo peito em que vive a imagem de Catharina... D. Pedro! meu irmão! eu te perdôo!

(*Abraçam-se.*)

D. PEDRO.

Camões! Catharina! victimas infelizes da minha crueldade! tanta generosidade ainda vem aggravar-me o peso dos remorsos; e quanto mais horrivel é minha sorte do que a vossa! Vós, ao menos...

(*Ouve-se, e continua-se a ouvir, a breves intervallos, o canhão que annuncia a Portugal a perda da batalha d'Alcacer-Quibir.*)

CAMÕES.

Ouvi!...

D. PEDRO.

Que é isto?

MENDONÇA.

Uma victoria!

CAMÕES.

Um desastre talvez!...— Ah! corramos! (*Faltam-lhe as forças, e cahe de joelhos.*) Deos proteja a Lusitania!

SCENA VII.

OS MESMOS, FERNANDO.

FERNANDO.

Camões!

CAMÕES.

Fernando !... Chegas d'África !

FERNANDO.

Tudo é perdido !

TODOS.

Tudo !!!

CAMÕES.

E El-Rei ?!

FERNANDO.

Morto !

TODOS.

Morto !

(Fica Camões anhelante, com os olhos desvairados.)

FERNANDO.

O sol allumiava o quarto dia de Agosto quando travou-se uma acção geral entre nós e os Mouros nas margens do Tanger. A victoria, a principio, parecia inclinar-se a nós, mas de pressa mudou a sorte ; e já ia marchar com meu corpo de reserva, quando gritos horriveis feriram os ares. Precipito-me no campo da batalha, que nos encobriam densas nuvens de pó e fumo. Os reis mouros já não existiam ; porém, — ó dôr eterna!!! — D. Sebastião, a esperança da patria, crivado de feridas, acaba de sorver-se n'um abysmo. Os cadaveres de toda a nossa nobreza alastram a terra ; e o estandarte lusitano, as quinas gloriosas, rotas, ensanguentadas, arrastam pela poeira!!!

CAMÕES.

Ai! que este é o golpe derradeiro! *(Cae em braços de Fernando.)*

FERNANDO.

Camões ! amigo!

MENDONÇA, *erguendo um crucifixo.*

Constancia ! meu filho, constancia ! A Lusitania succumbe ; Deos castiga a nossa patria ; porém dia virá que lhe perdôe !

FERNANDO.

Meu Deos ! será possível...

MENDONÇA.

Silencio !

CAMÕES.

Onde estou?... Que trevas tão medonhas me rodeiam !... Ah ! já se dissipam... rasgam-se-me os seios do futuro... Portugal ! Portugal ! que horrivel que é o teu destino !... Uma nuvem de sangue tolda teu horizonte... Mas que ! és tu, Lysia, quem arrasta os ferros da Hespanha ? ! tu ! mãe de tantos heróes ! coberta de tanta gloria ! Tu, princeza dos mares, o estrangeiro, o estrangeiro te trata como escrava ! (*No ultimo paroxismo do delirio.*) Conquistadores do Oriente ! soldados da Lusitania ! geração de heróes, erguei-vos ! A patria vos chama ! o Castelhana bate ás nossas portas ! suas náos cobrem as aguas do Tejo ! — Mas que ! ficam vossas campas immoveis e vossas cinzas mudas ! Não ouvis a voz extrema da vossa patria ? ! não vedes o punhal do Jesuitismo erguido sobre seu seio ? ! Lusitania ! Lusitania ! — Ah ! já é tarde ! É morta minha patria !... e... o mesmo golpe... matou-me... Catharina ! sou contigo...

FERNANDO.

Ah ! soccorro !

MENDONÇA.

Vai-te! alma feliz; o Céu te chama!

ANTONIO, *com as mãos na cabeça.*

Meu Deos! Meu Deos!

D. PEDRO, *cahindo de joelhos.*

Perdão!

MENDONÇA.

Orai por elle! e chore eternamente a Lusitania!

QUADRO.



APOTHEOSIS.

Ao som de funebre harmonia, descem nuvens que cobrem toda a scena. Abrindo-se as nuvens, deixam ver os Campos-Elysios.

No meio da scena, um mausoleo, rematado pelo busto de Camões, e tendo esta inscripção :

AQUELLE CUJA LYRA SONOROSA
SERÁ MAIS AFAMADA QUE DITOSA.

A cada um dos lados, uma pyramide. N'uma lê-se :

A LUIZ DE CAMÕES
PRINCIPE
DOS POETAS DE PORTUGAL E DA HESPAÑA.

E na outra :

DEFENDEO COM A ESPADA
A PATRIA
QUE IMMORTALISOU COM SEUS CANTOS.

*Todas estas inscripções em caracteres scintillantes.
No fundo, em cima, o templo da Immortalidade.
A Lusitania chora reclinada sobre o mausoleo.
Polymnia pousa sobre o busto uma corôa.
Europa, Asia, Africa e America estendem para o mausoleo palmas e corôas.*

No limiar do templo, sobre nuvens resplandcentes, Homero e Virgilio recebem Camões, apontando para o templo. Camões traz na frente uma corôa, e tem na mão os LUSIADAS e a espada.

CORO DAS MUSAS.

O Vate celebremos
A quem eleva a Gloria
Do leito funeral
Ao templo da Memoria.

UMA VOZ.

De magoas consumido,
O Vate desditoso
Da vida desatou
O laço rigoroso.

CORO.

O Vate celebremos, etc.

UMA VOZ.

Moderá, ó Lusitania !
O pranto, e tua dôr
Consola: immortal vida
Já vive o teu Cantor !

CORO.

O Vate celebremos, etc.



CAM
1415P



SONNET.

Le cœur percé des traits acérés de l'Envie,
Un poète accablé d'ennuis et de travaux,
Heureux, en succombant, d'échapper à ses maux,
Atteignait sans regrets le terme de la vie.

« Lysia! Lysia! trop ingrate patrie,
Disait-il, de mon sang j'ai rougi tes drapeaux;
Ma lyre a célébré ta gloire, tes héros....
Qu'en ai-je recueilli? — Des fers, l'ignominie. »

Froide et sombre est la nuit. Sur son lit de douleurs
Le poète s'endort. Les yeux baignés de pleurs,
Un esclave est sorti de la triste retraite;

Et le dernier ami du Chantre Lusitain
Au passant dédaigneux timidement répète:
« Portugais! à Camões donnez un peu de pain. »

L. A. BURGAIN.

Dr. C. Lopez, 1/2

SONNET

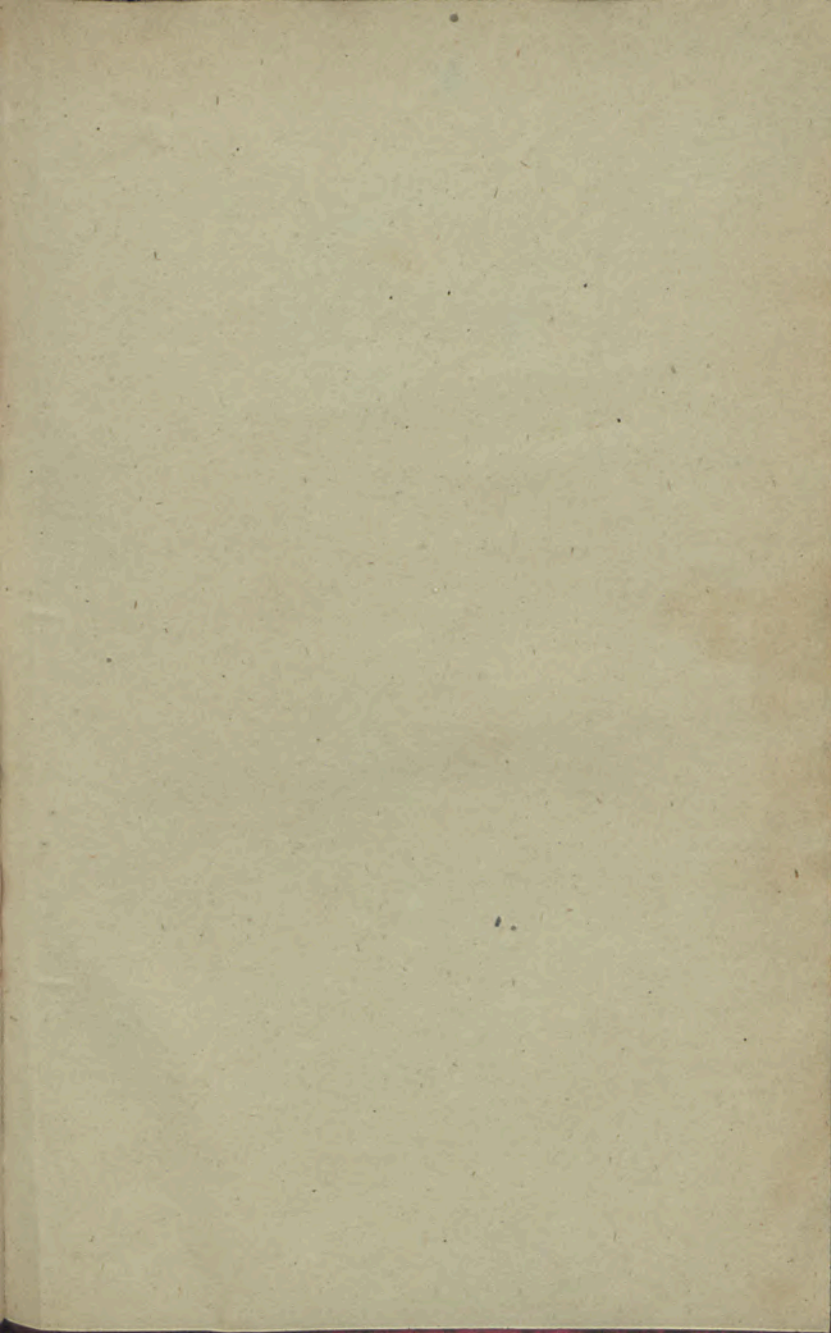
le cœur pour les beaux jours de l'été
On peut accablé d'honneurs et de gloire
Honneur, on s'élève, d'élever à son rang
Alléguant sans cesse le titre de la vie

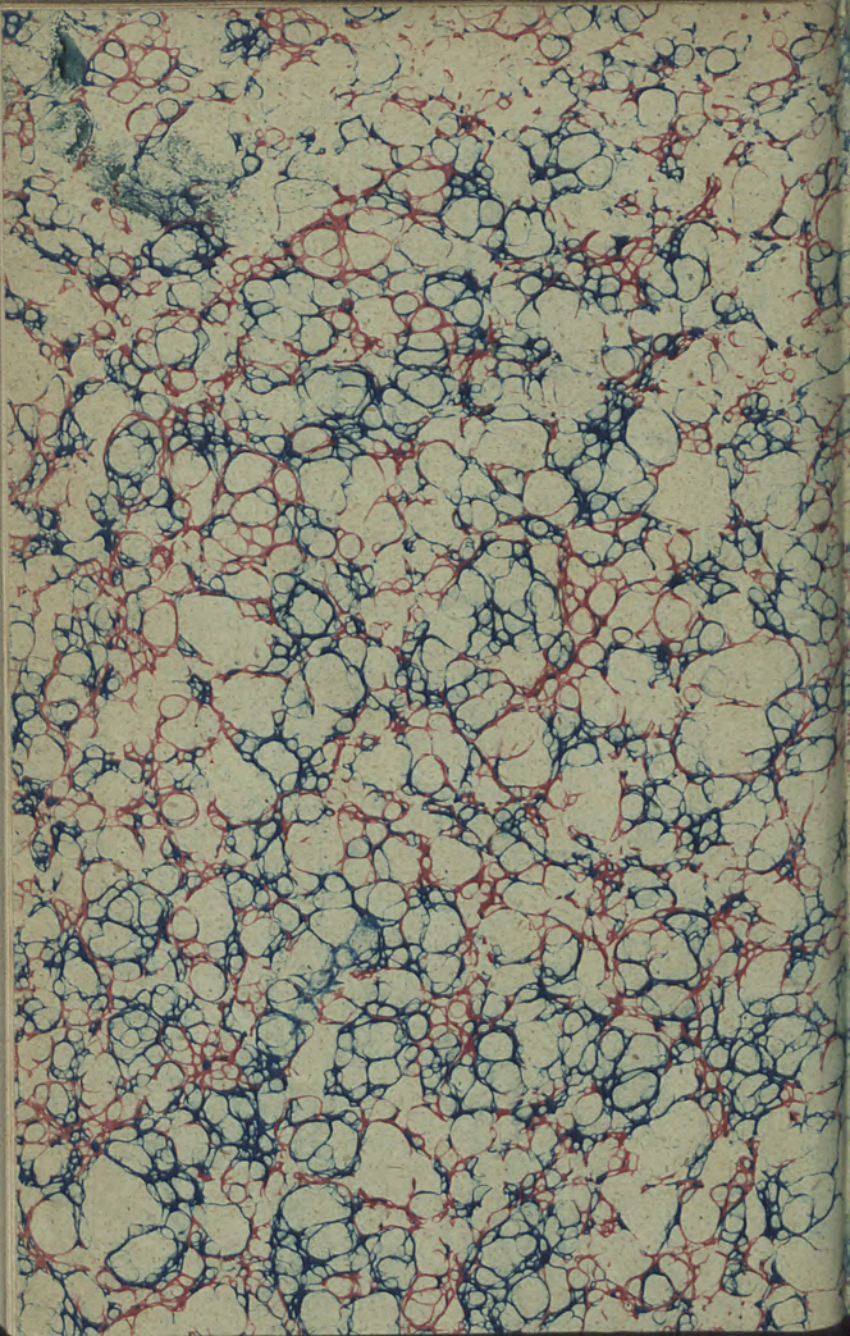
à l'œil! l'œil! l'œil! l'œil! l'œil! l'œil!
Ils ont de leur sang fait les fleurs
Ma vie a été le fruit de leur sang
Qu'on ne se vante pas de son sang

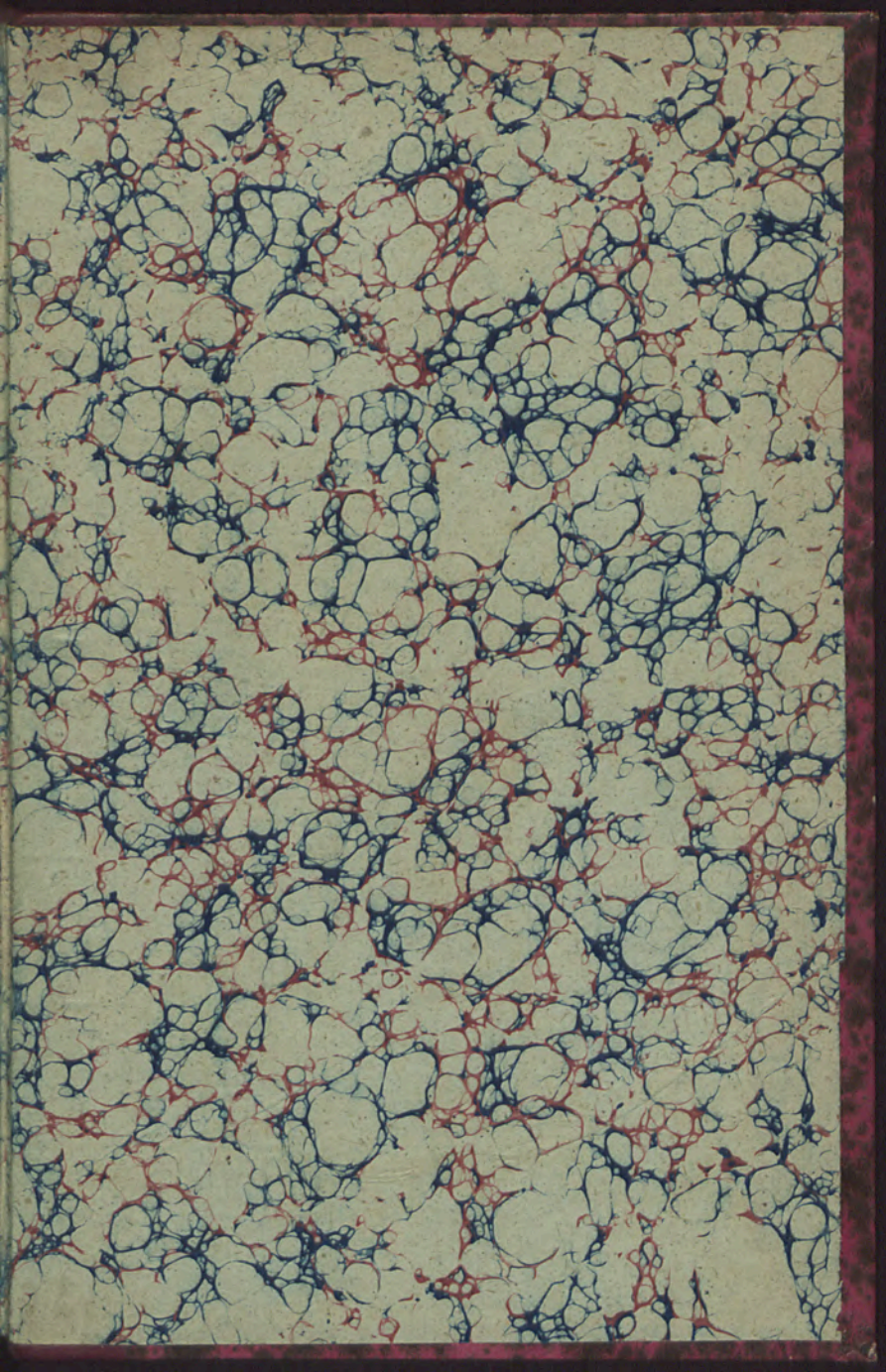
Et de leur sang est le fruit de leur sang
Le pain de leur sang est le pain de leur sang
Un cœur est tout de leur sang

Et le cœur est le cœur de leur sang
Au cœur de leur sang est le cœur de leur sang
Le cœur de leur sang est le cœur de leur sang

L. C. LOPES









CAL

1

B